



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS (DCH - CAMPUS VI)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO, LINGUAGEM E SOCIEDADE
(PPGELS)

LEANDRO DA SILVA CRUZ

SMARTPHONES COMO TECNOLOGIA EDUCACIONAL NO ENSINO
DE INGLÊS

CAETITÉ -BA

2024

LEANDRO DA SILVA CRUZ

**SMARTPHONES COMO TECNOLOGIA EDUCACIONAL NO ENSINO
DE INGLÊS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como requisito obrigatório para obtenção do título de mestre.

Linha de Pesquisa II - Ensino, Saberes e Práticas Educativas.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Márcia dos Santos Carvalho.

CAETITÉ -BA

2024

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

C957s

Cruz, Leandro da Silva

SMARTPHONES COMO TECNOLOGIA EDUCACIONAL NO ENSINO
DE INGLÊS / Leandro da Silva Cruz. - Caetitê, 2024.

91 fls.

Orientador(a): Profa. Dra. Eliana Márcia dos Santos Carvalho.

Inclui Referências

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade do Estado da Bahia.
Departamento de Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em Ensino,
Linguagem e Sociedade - PPGELS, Campus VI. 2024.

1.Smartphones. 2.Letramento Digital. 3.Uso Pedagógico.

CDD: 001



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
Autorização Decreto nº 9237/86. DOU 18/07/96. Reconhecimento: Portaria 909/95, DOU 01/08-95

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO,
LINGUAGEM E SOCIEDADE



FOLHA DE APROVAÇÃO

**“O PAPEL DOS SMARTPHONES COMO TECNOLOGIA EDUCACIONAL DO
ENSINO DE INGLÊS”**

LEANDRO DA SILVA CRUZ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em ENSINO, LINGUAGEM E SOCIEDADE - PPGELS – DCH VI - UNEB, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino, Linguagem e Sociedade pela Universidade do Estado da Bahia.

Aprovado em 04 de março de 2024, com nota 10,0.

Prof. Dr. PAULO ROBERTO BOA SORTE SILVA
Examinador Externo – UFS
Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC-SP

Prof. Dr. GINALDO CARDOSO DE ARAÚJO
Examinador Interno – PPGELS – UNEB – DCH – Campus VI
Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais

Prof.^a Dr.^a ELIANA MARCIA DOS SANTOS CARVALHO
Orientadora – UNEB – DCH – Campus VI
Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

*A minha tia, Maria Elizabete Moreira da Silva (em memória),
por me ensinar a importância e o valor da educação.*

AGRADECIMENTO

Agradeço e reconheço o apoio de minha esposa e filho, que me incentivaram e inspiraram a produzir este trabalho.

RESUMO

O objetivo geral da pesquisa é compreender que o *smartphone* pode ser um recurso capaz de tornar o aprendizado de Língua Inglesa mais eficiente e atrativo. São objetivos específicos: a) Contextualizar os *smartphones* como recurso para o letramento digital no processo de ensino-aprendizagem de Língua Inglesa; b) Investigar a prática cotidiana de professores de Inglês aliada ao uso do *smartphone*. O presente estudo recorre ao método da pesquisa-ação, que investiga o uso pedagógico dos *smartphones* no ensino de Inglês como segunda língua (ESL) em uma escola pública Estadual da Bahia (Centro Estadual de Educação Profissional em Saúde e Gestão - CEEP). Para coletar os dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com professores de Inglês e alunos do CEEP, a fim de compreender suas percepções sobre o uso dos seus *smartphones* na sala de aula. Os resultados apontam que os docentes e aprendizes veem de forma positiva o uso pedagógico dos *smartphones*, pois eles aumentam a motivação dos alunos e facilitam o acesso a conteúdo interativo. No entanto, observa-se que os *smartphones* são mais usados para consultas à Internet e jogos do que para projetos que envolvam aprendizado suportados pelo letramento digital. Como conclusão, pode-se afirmar que os *smartphones* podem ser efetivamente utilizados como um instrumento pedagógico no processo de ensino de inglês. As descobertas sugerem que a incorporação desses dispositivos promove uma melhor interação entre educadores, alunos e conteúdo, permite maior adaptabilidade na jornada de aprendizado e oferece oportunidades para desenvolver o letramento digital, além de personalizar o ensino de acordo com as necessidades e interesses de cada aluno por meio de aplicativos e recursos educacionais digitais.

Palavras-chave: *Smartphones*; Letramento digital; Uso pedagógico.

ABSTRACT

The general objective of the research is to understand that the smartphone can be a resource capable of making English Language learning more efficient and attractive. The specific objectives are: a) To contextualize smartphones as a resource for distance learning in the English Language teaching-learning process; b) To investigate the daily practice of English teachers combined with the use of the smartphone. The present work uses the action research method to investigate the pedagogical use of smartphones in the teaching of English as a second language (ESL) in a public state school in Bahia (Centro Estadual de Educação Profissional em Saúde e Gestão - CEEP). To collect data, semi-structured interviews were conducted with English teachers and CEEP students, seeking to understand their perceptions of the use of their smartphones in the classroom. The results indicated that teachers and students see the pedagogical use of smartphones in a positive light, as they increase student motivation and facilitate access to interactive content. However, it was observed that smartphones are more used for Internet searches and games than for projects involving learning supported by digital literacy. In conclusion, it can be stated that smartphones can be effectively used as a pedagogical tool in the English teaching process. The findings suggest that the incorporation of these devices promotes better interaction between educators and students, allows greater adaptability in the learning journey, and offers opportunities to develop digital literacy and to personalize teaching according to the needs and interests of each student, through apps and digital educational resources.

Keywords: Smartphone; Digital literacy; Pedagogical use.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A expansão do celular.....	15
Figura 2 - Celular sem sistema operacional e ST com sistema operacional.....	16
Figura 3 - Síntese da dissertação	21
Figura 4 - Quadro dos LDs.....	27
Figura 5 - Diagrama de sedução dos aparelhos digitais	28
Figura 6 - Diagrama que mostra a inter-relação entre: CALL, ML e MALL	34
Figura 7 - Intersecção entre MALL e CALL com IA.....	39
Figura 8 - Infografia com exemplos do uso cotidiano da inteligência artificial.....	40
Figura 9 - Fotos do CEEP.....	42
Figura 10 - Etapas de elaboração da pesquisa-ação	45
Figura 11 - Ciclo de vida profissional	70

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Diferenças entre o celular e o ST	15
Quadro 2 - Os quatro princípios do MALL.....	35
Quadro 3 - Os dez princípios do ML.....	36
Quadro 4 - Perfil dos professores entrevistados	46

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CALL	Computer Assisted Language Learning (significado na língua inglesa)
CEEP	Centro Estadual de Educação Profissional em Saúde e Gestão
ChatGPT	Chat Generative Pre-trained Transformer
COVID-19	Coronavirus disease 19 (significado na língua inglesa)
DALL-E 3	Deep Autoencoder Language-Learning Experiment 3
DI	Desenho Instrucional
DUA	Desenho Universal para a Aprendizagem
EAD	Educação a distância
EPI	Ensino Profissionalizante Integral
IA	Inteligência Artificial
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LD	Letramento Digital
LE	Língua Estrangeira
MALL	Assisted Mobile Language Learning (significado na língua inglesa)
ML	Mobile Learning (significado na língua inglesa)
MMS	Multimedia Messaging Service (significado na língua inglesa)
OMS	Organização Mundial de Saúde
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PROEJA	Programa Nacional de Integração da Educação Básica com a Educação Profissional na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos
PROSUB	Modalidade de Educação Profissional que oferece Cursos Técnicos Subsequentes
SLA	Segunda Língua
SMS	Short Message Service (significado na língua inglesa)
ST	Smartphone
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (significado na língua inglesa)

SUMÁRIO

1 TELA INICIAL	12
2 INFORMAÇÕES E ESPECIFICAÇÕES DETALHADAS	22
2.1 O ST como recurso de apoio à aprendizagem	22
2.2 Moran e as Metodologias Ativas	24
2.3 Ponto de encontro para falar de LDs	25
2.4 O celular virou escola	29
2.5 Uma abordagem de exclusão digital	31
2.6 Qual a relação entre os STs e a Linguística Aplicada?	32
3 ACESSO ÀS INFORMAÇÕES E CONFIGURAÇÕES DO SISTEMA	42
3.1 Descrição e caracterização dos sujeitos da pesquisa	45
3.2 Resultados e discussão de dados	47
3.3 O uso do ST em sala de aula sob a ótica dos professores	48
4 VERIFICAÇÃO DE STATUS (considerações finais)	71
5 PRODUTO EDUCACIONAL	73
REFERÊNCIAS	74
APÊNDICE A - Roteiro de elaboração do questionário/entrevista para os professores a ser aplicado através do <i>Google Forms</i>	81
APÊNDICE B – Perguntas e respostas da entrevista semiestruturada na íntegra	84
APÊNDICE C - Plano de Aula – Exemplo de um plano de aula que teve apoio do Website	89

1 TELA INICIAL

Inicialmente, peço licença ao leitor para empregar nos títulos de cada item desta dissertação palavras contidas nas configurações de um *smartphone*, a fim de provocar no leitor uma maior interação, apropriação e imersão com o tema. Afinal, este dispositivo será objeto principal de estudo nesta pesquisa. Informo também que, a partir desse ponto, substituirei o termo *smartphone* pela sigla ST, assim como Letramento digital para sigla LD, visando a uma leitura mais agradável e fluida.

Nesta seção, serão apresentadas as motivações, justificativas e objetivos desta pesquisa. A inquietação de alguns professores sobre a falta de interesse do aluno para aprender evidencia uma falta de empenho do estudante que incomoda a todos. Aprofundar e repensar esse problema podem ser o ponto de partida para melhorar a qualidade das aulas, tornando-as mais eficazes na obtenção dos seus objetivos, possibilitando economizar tempo, recursos e energia. Isso, acredito, possibilitará, também, entrar em sintonia com os agentes: professor/aluno/escola/família, evitando descompasso em suas vidas e, como benefício, teremos aulas muito mais proveitosas.

Com base em minha experiência docente, é possível afirmar que os alunos utilizam o ST cotidianamente nas suas vidas e sobretudo nas aulas, o que causa muito desconforto, porque não correspondem com a devida atenção às ações docentes, provocando insucesso no rendimento escolar. Assim sendo, por que não utilizar esse recurso a nosso favor, haja vista a enorme demanda de suas funcionalidades necessárias para interação social e busca de conteúdo? Acredito que esta pesquisa será de grande relevância social, pois procura direcionar o uso do ST para facilitar, flexibilizar, tornar divertido e eficaz o aprendizado de Língua Inglesa, revelando potencialidades pedagógicas, além de um ganho superior em relação a outros materiais didáticos. Por consequência, contribui para que os alunos se sintam mais motivados em aprender outro idioma e para que professores possam sentir-se mais preparados e atualizados no intuito de atender a demanda de interesse dos estudantes.

Na formação em Letras com Inglês, desde o final de minha graduação, venho sempre refletindo sobre a razão porque as aulas de língua estrangeira não conseguem atrair os alunos plenamente, e sugiram várias hipóteses, porém o que mais me chamou a atenção foi a dificuldade em praticar a fala. Dessa maneira, elaborei minha pesquisa de pós-graduação, com o tema: “Diferenças entre a Língua Inglesa falada e escrita”, e percebi que o problema se direciona por um caminho mais além, sendo a motivação a palavra-chave para uma

compreensão atualizada. Então, optei por percorrer o caminho do entendimento das facilidades da modernidade, em especial o ST.

É importante destacar que o contexto da temática pandemia não é meu enfoque específico, ele apenas se insere no macrotexto desta dissertação, e atua como marcador temporal em que acontece uma mudança visível de paradigma, uma herança valiosa em relação ao uso da tecnologia digital em salas de aula.

Com relação a esta situação, Veraszto et al. (2009, p. 21) assim salientam:

E é através de um estudo da evolução histórica das técnicas desenvolvidas pelo homem, colocadas dentro dos contextos sócio-culturais de cada época, é que podemos compreender melhor a participação ativa do homem e da tecnologia no desenvolvimento e no progresso da sociedade, enriquecendo assim o conceito que temos a respeito do termo tecnologia (VERASZTO, 2004). Desta maneira, torna-se notório conhecer que as palavras técnica e tecnologia têm origem comum na palavra grega techné que consistia muito mais em se alterar o mundo de forma prática do que compreendê-lo. Inicialmente era um processo onde a contemplação científica praticamente não exercia influências (KNELLER, 1978). Na técnica, a questão principal é do como transformar, como modificar. O significado original do termo techné tem sua origem a partir de uma das variáveis de um verbo que significa fabricar, produzir, construir, dar à luz, o verbo teuchô ou tictain, cujo sentido vem de Homero; e teuchos significa ferramenta, instrumento (TOLMASQUIM, 1989; LION, 1997). A palavra tecnologia provém de uma junção do termo tecno, do grego techné, que é saber fazer, e logia, do grego logus, razão. Portanto, tecnologia significa a razão do saber fazer (RODRIGUES, 2001). Em outras palavras o estudo da técnica. O estudo da própria atividade do modificar, do transformar, do agir (VERASZTO, 2004; SIMON et al, 2004a).

Para entender melhor o conceito de **tecnologia**, recorro à etimologia da palavra, apresentada na citação anterior, a fim de informar o conceito de tecnologia digital, porquanto, segundo Santaella (2003), uma das maiores pesquisadoras brasileiras em semiótica¹ e comunicação, a tecnologia digital não é apenas uma ferramenta, mas uma linguagem. Ela afirma que o computador é uma tecnologia inteligente que amplia a nossa capacidade mental e comunicativa, e que permite a criação de novas formas de expressão e interação. A tecnologia digital também é responsável por transformar a nossa percepção da realidade, que se torna cada vez mais híbrida, complexa e ubíqua. Para Santaella (2003), a educação precisa acompanhar essas mudanças e explorar as potencialidades das linguagens digitais para o desenvolvimento humano.

¹ Semiótica – se·mi·ó·ti·ca – sf - Teoria geral dos signos e todas as formas e manifestações que assumem (linguísticas ou não). Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=semiotica>. Acesso em: 26 out. 2013.

O termo ‘comunicação ubíqua’ é suportado pela premissa de Santaella (2014),

Ubíquo: que está ou existe ao mesmo tempo em toda parte; onipresente. É um adjetivo pouco corrente na nossa fala, mas que qualifica fenômenos muito presentes no cotidiano. Por exemplo: quando falamos com uma pessoa ao vivo pelo celular ou computador ou acessamos informação de qualquer lugar, a qualquer momento, essa ação gera uma presença simultânea, tanto no lugar físico que ocupamos, como no ambiente virtual (Santaella, 2014).

Assim sendo, de posse do conceito de comunicação ubíqua, adentraremos na definição do termo “tecnologia”. Para Álvaro Pinto (2005), o conceito de tecnologia é: forma de ação humana sobre o mundo, que visa transformá-lo de acordo com as necessidades e os valores dos homens. A tecnologia não é apenas um conjunto de instrumentos ou técnicas, mas uma forma de pensar e de agir, que envolve a criatividade, a racionalidade e a liberdade. A tecnologia é também uma expressão da cultura e da história de cada povo, que reflete as suas condições materiais e espirituais. A tecnologia significa, portanto, um fenômeno social e político, que pode ser usado tanto para o bem como para o mal, dependendo das intenções e dos interesses dos que a produzem e a utilizam.

Passemos, então, ao conceito de tecnologia digital. Castells (1999, p. 30) define tecnologia digital como “um conjunto de tecnologias baseadas na computação digital, que utilizam a informação digital como sua principal matéria-prima”. Ele argumenta que a tecnologia digital está transformando a sociedade em uma sociedade em rede, na qual as pessoas estão cada vez mais conectadas umas às outras através de redes digitais.

De acordo com Boa Sorte, Silva e Carvalho (2020), o primeiro com recursos de ST foi lançado em 2000 pela Ericsson², mas não permitia uma conexão eficiente com a internet. Em 2007, a Apple lançou o iPhone³, que foi o primeiro celular com todos os recursos de um ST. No ano seguinte, o sistema operacional Android⁴ foi lançado pela Google⁵, que não estava restrito a apenas uma empresa. Desde então, houve um desenvolvimento significativo de celulares com recursos de ST, e o uso desses dispositivos tornou-se cada vez mais comum em diversas áreas, incluindo a educação. A Figura 1, a seguir, ilustra a evolução do ST.

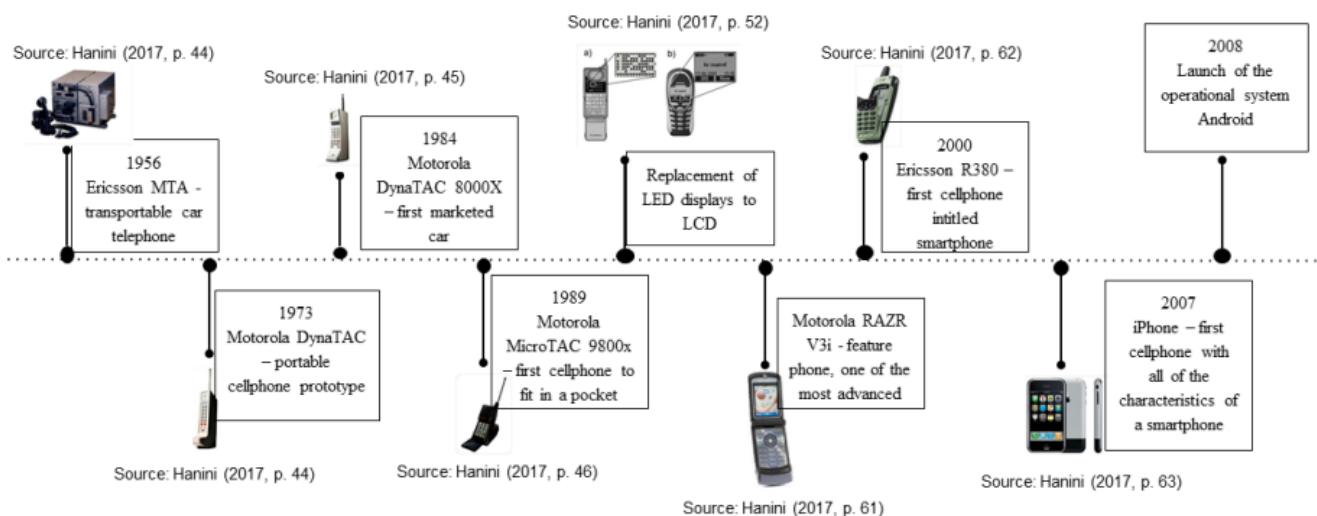
² A Telefonaktiebolaget LM Ericsson é uma empresa de tecnologia, de controle sueco, fabricante de equipamentos de telefonia fixa e móvel. Líder mundial no setor de telecomunicação, foi fundada em 1876 como uma loja de reparos em telégrafos por Lars Magnus Ericsson. Disponível em: <https://www.oportaldasmaravilhas.com.br/blog/que-treco-e-isso/telefone-ericsson-dialog/>. Acesso em: 26 out. 2023.

³ Disponível em: <https://www.apple.com/br/iphone/>

⁴ Disponível em: https://www.android.com/intl/pt-BR_br/everyone/facts/

⁵ Disponível em: <https://about.google/>

Figura 1 - A expansão do celular



Fonte: Boa Sorte, Silva e Carvalho (2020, p. 5).

Cabe, aqui, uma informação, segundo o site da Samsung: “A principal diferença entre um celular comum e um ST é que o ST possui um sistema operacional⁶, já o celular comum não”.

Para melhor compreensão, apresento, no Quadro 1, as diferenças entre estes dois recursos tecnológicos:

Quadro 1 - Diferenças entre o celular e o ST

Quais os recursos que um celular oferece?	Quais os recursos posso esperar de um ST?
<ul style="list-style-type: none"> - Ligações - Mensagens (SMS e MMS) - Câmera com uma baixa resolução - Armazenamento limitado - Conexão 2G ou 3G 	<ul style="list-style-type: none"> - Ligações (Vídeos chamadas) - Mensagens - Aplicativos diversos: Jogos, edição de fotos, leitor de documentos - Câmeras de alta qualidade - Conexão 2G, 3G, 4G, 5G - Armazenamento - Maior resolução da tela-Facilidade em controles de e-mail - Comando de voz

Fonte: Site da Samsung com adaptações do autor desta dissertação.

⁶ Sistema operacional é, de certa forma, a “alma” de um computador ou ST. É a partir dele que usuários conseguem instalar e abrir programas, conferir arquivos armazenados, gerenciar componentes de hardware e muito mais. O sistema operacional é a interface entre usuário e máquina. É ele quem confere se todos os componentes de hardware estão funcionando, se o software está devidamente instalado e pronto para funcionar, e muito mais. Ele transforma os comandos feitos no mouse ou teclado em ações a serem desempenhadas pelos programas instalados, assim como gerencia os recursos (como memória RAM) necessários para o funcionamento de aplicativos. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2022/09/29/tira-duvidas/sistema-operacional-o-que-e-para-que-serve-e-exemplos/> Acesso em : 13 nov. 2023.

Como podemos observar, os STs são mais complexos e possuem mais recursos. Desse modo, optei pela nomenclatura mais alinhada e atualizada, diferentemente de um termo genérico e comumente chamado de “celular”, porque a nomenclatura “*ST (smartphone)*”, neste presente contexto de ideias, parece ser mais coerente. A Figura 2, seguinte, mostra dois exemplos de aparelhos, sem e com sistema operacional, respectivamente.

Figura 2 - Celular sem sistema operacional e ST com sistema operacional



Fonte: Bing/Criador de Imagens DALL-E 3 com adaptações do autor desta dissertação.

Nesse contexto tecnológico, o Letramento Digital (LD) refere-se à habilidade de utilizar as tecnologias digitais para se comunicar, aprender, criar e participar em uma sociedade cada vez mais interconectada e diversa. Não é uma habilidade que se adquire uma vez e permanece para sempre, mas, sim, um processo contínuo de desenvolvimento e atualização, dependente do contexto, propósito e motivação individual. Ele não tem restrições de idade, pois não está limitado a uma geração ou grupo específico de pessoas. Indivíduos de todas as idades podem se beneficiar do domínio digital, seja para expandir seus horizontes culturais, profissionais ou pessoais ou para se adaptar às mudanças sociais e econômicas trazidas pelas tecnologias digitais. E isso é evidenciado em Schlindwein e Silva (2010 p. 38):

As mudanças ocorridas em nossa sociedade nos últimos 40 anos exigem que repensemos não só como a comunicação humana se transformou, mas como isso afeta a forma como lidamos com a informação e o conhecimento. Por consequência, precisamos refletir como a educação tem (ou não) dialogado com esse novo mundo. Várias teorias têm tentado trabalhar com essas mudanças e sua relação com a educação, destacando-se a pedagogia dos multiletramentos. Ela desponta como uma direção possível para trabalharmos de forma respeitosa e justa a grande diversidade encontrada no mundo atual.

É importante destacar que me apoio principalmente nos seguintes estudiosos: Dudeney, Hockly e Pegrum (2016), José Moran (2016), Estavon Nagumo (2014) e Giselda Costa (2013).

Procuro fazer uma análise ordenada através de investigações que precederam esta dissertação, as quais contribuíram fortemente com minhas reflexões, e com base nessas informações faço uma discussão em interação com as ideias desses estudos que dialogam com esta pesquisa.

Uma das grandes vantagens ao fazer algo que se aproxima da ferramenta estado da arte é adquirir um conhecimento prévio, mais robusto, para aperfeiçoar ou melhorar pesquisas anteriores.

Minha intenção, aqui, é destacar um viés do letramento digital mencionado no livro de Dudeney, Hockly e Pegrum (2016), além de uma abordagem crítica à exclusão digital, conforme a obra de Milton Santos (2003).

Deste ponto em diante, realizo uma análise de literatura apoiada em três trabalhos que estão intimamente relacionados a esta dissertação. Ao iniciar minha pesquisa para desenvolver um estado da arte sobre o letramento digital no contexto do uso de STs nas aulas de inglês, direcionei minha atenção em bases de dados acadêmicos, como a Scielo e o Google Acadêmico. Nesses repositórios, utilizei uma combinação estratégica de termos de busca, incluindo "smartphone" e "letramento digital", com o objetivo de filtrar estudos relevantes para minha área de interesse. Adicionalmente, também considerei a contribuição de plataformas de Inteligência Artificial, como o Google Bard e o Copilot, que poderiam sugerir teses e dissertações em questão. Para garantir maior precisão e objetividade do material coletado, estabeleci um critério de seleção, limitando-se apenas em três trabalhos significativos: uma tese e duas dissertações. Priorizei, dentro desses, os trabalhos mais citados pela comunidade acadêmica, e reconhecimento dos seus autores na área. Além disso, fiz questão de incluir pelo menos um estudo de publicação recente, assegurando que a discussão estivesse atualizada com as últimas tendências e pesquisas. Para otimizar o processo de seleção, dediquei-me à leitura dos resumos e das considerações finais de cada trabalho e suas respectivas referências.

Entre a tese e as dissertações estudadas, destacamos: 1) a tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, em 17/6/2013, por Giselda dos Santos Costa, intitulada: *“MOBILE LEARNING”: Explorando potencialidades com o uso do celular no ensino - aprendizagem de língua inglesa como língua estrangeira com alunos da escola pública*, sob a orientação do professor doutor Antônio Carlos dos Santos Xavier e Coorientação da professora doutora Ana Amélia Amorim de Carvalho

(UC-Portugal). Numa perspectiva *bottom-up*⁷ construiu suas pesquisas e resultados para sua tese. Ressaltamos que esse material foi o primeiro a despertar o interesse pelo tema já citado, mesmo na fase de idealização ou escolha do tema para a seleção no programa de mestrado PPGELS. Em seus estudos, Costa (2013, p. 7) baseou-se em:

[...] teorias em que a análise foi apoiada nos conceitos de affordance, segundo os estudos de Gibson (1979), Gaver (1991) e van Lier (2004); o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que enfatiza a noção de interação social, de acordo com os estudos de Vygotsky (1999), e o conceito de agência retórica humana versus tecnológica, de acordo com os estudos de Rosa e Jones (2005), Miller (2009) e Cooper (2011).

Nesse trabalho, a autora pesquisa as potencialidades entre o aluno e o ST que poderiam desenvolver as cinco habilidades linguísticas no ensino de língua inglesa. Os participantes do estudo foram 94 alunos do terceiro ano dos cursos técnicos integrados de uma unidade do instituto federal *campus* Zona Sul, da cidade de Teresina.

Seu estudo demonstra que o ST ajuda e tem uma possibilidade real e bem interessante de ser explorada pelos professores, colocando os alunos em um contexto real, atraente e motivador. Como conclusão científica, seu trabalho nos informa que o ST proporciona uma flexibilidade diferente, que dificilmente aconteceria em um ambiente de ensino tradicional. Para Costa (2013, p. 124),

Apesar de estarmos promovendo aprendizagem centrada no estudante, o professor também é criativo. Um professor que não tem conhecimento do que a tecnologia pode ofertar, pode não ser capaz de preparar os alunos para aprender de forma eficaz, ligando os tipos de aprendizagens em uma forma contínua.

2) A dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Educação (FE) da Universidade de Brasília (UnB), em 20/03/2014, por Estevon Nagumo, intitulada: *Uso do aparelho celular dos estudantes na escola*, sob a orientação do professor doutor Lúcio França Teles, também fundamenta esta pesquisa. O autor opta pelo método da Teoria Fundamentada através de amostragens. Na sua pesquisa, Nagumo obteve seus dados com interações no Twitter através de um questionário on-line a partir de 29 respostas adquiridas pelo perfil dos estudantes do ensino fundamental e médio de escolas

⁷ Bottom-up: é uma abordagem que parte dos elementos mais específicos e detalhados para os mais gerais e abrangentes. É uma forma de pesquisa indutiva, que busca gerar conceitos, teorias ou hipóteses a partir da observação empírica. Disponível em: https://www.infoescola.com/administracao_/abordagem-top-down-e-bottom-up-em-administracao/. Acesso em: 26 out. 2023.

públicas dentro de 13 estados diferentes. Ele observou que há regulamentos escolares proibindo o uso dos aparelhos na escola e ressaltou que é o professor que delimita as regras de uso na sala de aula; verificou também que os estudantes tendem a transgredir esse regulamento em decorrência de estarem entediados com as aulas, além de quererem se comunicar nas redes sociais.

O pesquisador constatou, ainda, o problema da privacidade, acontecendo a disseminação de conteúdo inapropriado, além de “cola” nas provas, recomendando que a escola compreenda as questões sociais e culturais dos jovens aproveitando essa oportunidade de aproximação através da negociação responsável dos STs e estabelecimento de diálogos permeando questões éticas e a tecnologia, resultando em um ambiente colaborativo e interessante para os alunos. Vimos que o autor se apoia principalmente nos conceitos de ciberespaço e cibercultura de Lévy (1999), em dados do IBGE (2011) e nas contribuições de McLuhan (1964), para tratar criticamente de aspectos históricos da evolução da comunicação. De acordo com Nagumo (2014, p. 14),

[...] McLuhan (1964) afirma que o meio é a mensagem. Esse autor exemplifica isto ao afirmar que a estrada de ferro não introduziu o transporte, mas acelerou e ampliou a escala das funções humanas anteriores, e criou novos tipos de cidades, de trabalho e de lazer. Nos dias de hoje, este raciocínio poderia equivaler a dizer que os aparelhos celulares não introduziram a comunicação, mas têm possibilitado novos tipos de interação, registro e entretenimento.

3) A dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 26/07/2021, por Daniele Alves Ribeiro, intitulada: *Os Smartphones como ferramenta pedagógica nas aulas de inglês: benefícios e desafios na perspectiva docente*, sob a orientação da professora doutora Janaína da Silva Cardoso, constitui mais uma base para esta investigação. Enquadra-se dentro de uma pesquisa, em que a autora toma se fundamenta nos multiletramentos de Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020) e Lévy (1999), para dar sustentação a sua pesquisa. Seu objeto de estudo são os professores de inglês de um instituto federal no Rio de Janeiro. Como resultado, ela conclui que o uso pedagógico dos STs é visto de forma positiva pelos professores e estes encontram desafios de indisciplina no tocante à dispersão da atenção dos alunos; a falta de formação dos professores foi um problema discutido; e também observou usos esporádicos para poucos projetos maiores que envolviam multiletramentos na Cibercultura. Assim, Ribeiro (2021, p. 94) destaca:

Conforme aponta Freire (2002), não devemos nem divinizar e nem diabolizar a tecnologia. É preciso ter um olhar crítico para lidar com ela, utilizando-a não como um fim em si mesmo, mas como um meio para atingir aquilo que desejamos. Ao atuarmos como educadores éticos e críticos, precisamos estar atentos ao contexto educacional em que vivemos e questioná-lo sempre. A quem interessa que os estudantes da escola pública continuem sem acesso de qualidade à Internet nas escolas? A quem interessa que a educação seja cada vez mais tecnicista e menos crítica?

Nesta direção, este estudo propõe o uso do recurso pedagógico do ST nas aulas de Língua Inglesa para viabilizar o desenvolvimento do interesse/motivação dos alunos em período de pandemia e pós-pandemia. Dessa maneira, investigo possíveis propostas de práticas educativas que possibilitarão aos alunos e professores o acesso e participação ativa em aulas de Língua Inglesa por meio do letramento digital, analisando estrategicamente o recurso tecnológico ST pelo viés pedagógico.

O letramento digital é o tema que compõe as bases desta pesquisa. Trata-se de um elemento fundamental para construção de uma sociedade digital equilibrada, de todas as idades, afinal o mundo moderno necessita de amparo para dar suporte à demanda de competências do século XXI relativas aos novos postos de trabalho. Ademais, o desenvolvimento de um raciocínio lógico, crítico e criativo vai além da alfabetização digital, tudo isso construído em bases, como: foco, motivação, multidisciplinaridade e autonomia.

Quanto aos procedimentos metodológicos, optei pela modalidade pesquisa-ação, uma vez que esta investigação procura construir um instrumento que nasceu da investigação de problema escolar. A pesquisa-ação é definida por Thiollent (1992, p. 14) apud Paiva (2019)

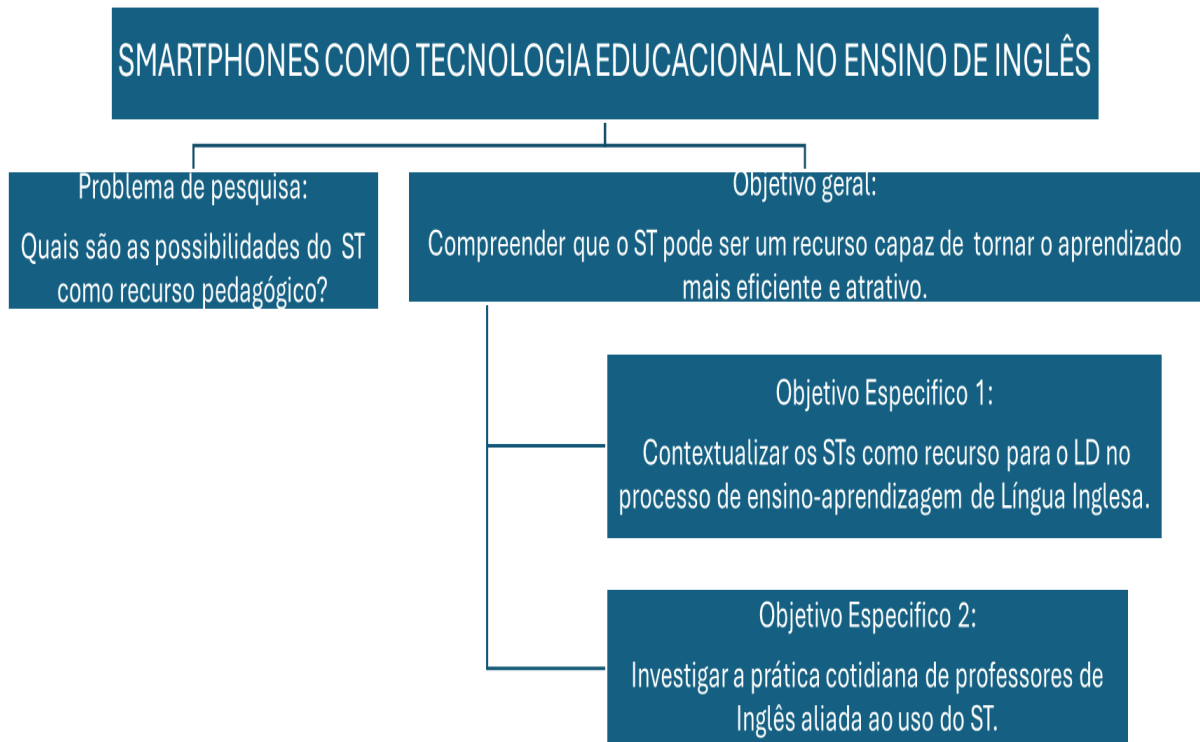
como um tipo de pesquisa social com base empírica [...] concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Enfim, quanto ao produto, trata-se de um website, no qual são reunidas todas as páginas da internet usadas durante o ensino on-line (período pandêmico) até o presente momento.

Este website apresenta uma biblioteca funcional de sites que prontamente geram atividades para as aulas de Língua Inglesa, que poderá contribuir para que o professor automatize a produção de conteúdo de forma eficaz, com economia de tempo na elaboração de suas aulas.

A seguir, conforme a Figura 3, destaco uma representação para melhor entendimento e visualização do perfil desta dissertação de mestrado.

Figura 3 - Síntese da dissertação



Fonte: Próprio autor (2024).

2 INFORMAÇÕES E ESPECIFICAÇÕES DETALHADAS

Atualmente os professores de Inglês enfrentam questionamentos e desafios na sua prática. Desde o surgimento dos métodos mais conhecidos, como, por exemplo, do áudio-lingual⁸ até o pós-método⁹ de Kumaravadivelu (2006). Hoje, estas questões se intensificam com o aprimoramento de recursos tecnológicos como os STs onipresentes em tudo que fazemos, especialmente na escola. Somando-se a isso, Magalhães (2012, p. 9) considera que

O trabalho em uma sala de aula de língua estrangeira demanda reflexão constante sobre o contexto de ensino-aprendizagem no qual está inserido. Como consequência, uma postura reflexiva e autônoma leva o professor a produzir sua prática teórica, observando criticamente as alternativas metodológicas disponíveis e selecionando o que é relevante, a partir da realidade onde está inserido e do diálogo realizado com alunos e colegas de trabalho.

Logo a seguir faço uma investigação sobre este dispositivo em suas propriedades metodológicas.

2.1 O ST como recurso de apoio à aprendizagem

A tecnologia na tela era vista como algo distante e desconhecido para a maioria dos professores. O ST era renegado no ensino presencial e visto como um vilão, por consequência da negação acumulada de anos. E estes mesmos professores estão sendo impulsionados a se atualizar pedagogicamente, tornando-se “imigrantes tecnológicos”.

Hoje, graças a este aparelho, temos um “bote salva-vidas” sem o qual não imaginamos um cenário de ensino longe dele. Segundo Bax (2003, p. 23 apud Baptista, 2014),

O modo como uma inovação é aceita no seu novo domínio pode ser considerado através do conceito de normalização, o qual é relevante para qualquer tipo de inovação e refere-se “ao estágio quando a tecnologia se torna invisível, embutida na prática diária e, portanto, normalizada”. Na educação,

⁸ O método audiolingual é aquele em que a compreensão e a produção oral estão no centro da aprendizagem de línguas e o aluno deve aprender a usar o idioma em situações cotidianas, por meio de diálogos. A formação de hábitos deve ser alcançada usando-se repetições de padrões no laboratório de idiomas. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/glossary/showentry.php?eid=25526>. Acesso em: 15 nov. 2023.

⁹ O pós-método é uma abordagem crítica e reflexiva para o ensino de línguas, proposta pelo linguista indiano B. Kumaravadivelu. Ele critica a ideia de que existe um método universal e ideal para o ensino de línguas, e defende que os professores devem desenvolver sua própria pedagogia, baseada em princípios, parâmetros e macroestratégias que levem em conta o contexto, os objetivos e as necessidades dos alunos (Ortale et al., 2021, p. 176-189).

esse é o caso de tecnologias como o livro, a lousa e o giz, que estão integradas à sala de aula e já não são mais reconhecidas como tecnologias por professores e alunos (Bax, 2003, p. 23 apud Baptista, 2014).

E mais, muitas vezes os alunos influenciam e ensinam os professores a descortinar o uso do ST como ferramenta pedagógica. Nesse sentido, o professor,

Caracterizado como “imigrante digital”, encontra em sala de aula alunos considerados “nativos digitais” (PRENSKY, 2001, p. 1), ou seja, nasceram imersos em um mundo digital e são falantes nativos da língua desse mundo. Consequentemente, essa diferença gera discordâncias na educação ao se ter professores imigrantes digitais, ensinando alunos que falam outra língua e que têm as novas tecnologias como uma extensão de seus corpos e mentes (Baptista, 2014).

Em paralelo, sob o olhar do professor, muitos deles têm a ilusão de que dominam e têm habilidades no manuseio das tecnologias de aprendizagem associadas ao ST, porém, na prática, eles possuem o conhecimento exótico, o que claramente é comprovado com a declaração de Velho (1999, p. 126): “o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas até certo ponto conhecido”.

Somando-se a isso, o uso dos STs é indiretamente regulamentado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN). Em consonância com o artigo 28 desse documento:

A utilização qualificada das tecnologias e conteúdos das mídias como recurso aliado ao desenvolvimento do currículo contribui para o importante papel que tem a escola como ambiente de inclusão digital e de utilização crítica das tecnologias da informação e comunicação, requerendo o aporte dos sistemas de ensino no que se refere à: I – provisão de recursos midiáticos atualizados e em número suficiente para o atendimento aos alunos; II – adequada formação do professor e demais profissionais da escola (Brasil, 2013, p. 136).

Precisamos entender que o ST é a representação da cultura jovem, com sua autonomia, jeito de pensar, identidade e sensação de pertencimento de um grupo, de modo que sua conectividade e facilidade de conexão através de redes sociais é algo imbricado no seu pensar e, obviamente, o professor deve adentrar esse universo se quiser ter melhores resultados em suas aulas.

2.2 Moran e as Metodologias Ativas

José Moran¹⁰ é um educador, pesquisador e designer de projetos inovadores na educação, com foco em valores, metodologias ativas, modelos flexíveis e tecnologias digitais. Revelou-se um dos mais representativos defensores do uso das metodologias ativas dentro das escolas brasileiras.

Nesta subseção, como fundamento teórico da investigação empreendida, destaca-se o trabalho de José Moran, um dos precursores, no Brasil, dos estudos sobre as metodologias ativas, e cabe a ele um destaque justo sobre seu enfoque nesse tema de sua dedicação, visto que ajudou a construir um novo paradigma de ensino, por meio do qual forneceu contribuições para a formação de professores atualizados.

Assim, conforme Bacich e Moran (2018, p. 52):

As tecnologias facilitam a aprendizagem colaborativa, entre colegas próximos e distantes. É cada vez mais importante a comunicação entre pares, entre iguais, dos alunos entre si, trocando informações, participando de atividades em conjunto, resolvendo desafios, realizando projetos, avaliando-se mutuamente. Fora da escola acontece o mesmo, na comunicação entre grupos, nas redes sociais, que compartilham interesses, vivências, pesquisas, aprendizagens. A educação se horizontaliza e se expressa em múltiplas interações grupais e personalizadas.

Da interação entre o ensino presencial e o espaço virtual surgiu a necessidade da criação de um novo paradigma em relação ao uso das tecnologias na construção de uma nova pedagogia dentro e fora da escola. E isto é evidenciado por Bacich e Moran (2018, p. 41):

Metodologias ativas são estratégias de ensino centradas na participação efetiva dos estudantes na construção do processo de aprendizagem, de forma flexível, interligada e híbrida. As metodologias ativas, num mundo conectado e digital, expressam-se por meio de modelos de ensino híbridos, com muitas possíveis combinações. A junção de metodologias ativas com modelos flexíveis e híbridos traz contribuições importantes para o desenho de soluções atuais para os aprendizes de hoje.

¹⁰ Nascido na Espanha, naturalizado brasileiro. Possui graduação em Filosofia pela Faculdade Nossa Senhora Medianeira (1971), mestrado (1982) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1987). Foi professor de Novas Tecnologias na Universidade de São Paulo (aposentado). Professor, Pesquisador, Conferencista e Orientador de Projetos de transformação da Educação com metodologias ativas e modelos híbridos. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/744074/jose-manuel-moran-costas>. Acesso em: 13 fev. 2024.

As metodologias ativas apontam caminhos a serem seguidos como uma bússola que guia os professores para uma educação inovadora.

Segundo Bacich e Moran (2018), as metodologias ativas objetivam tornar o estudante responsável pela construção do conhecimento, o professor torna-se o orientador do processo e isso é feito pelo aluno, de forma independente e participativa, favorecendo os estudantes, a fim de que façam por eles mesmos o pensar de maneira criativa para a solução de problemas reais.

De acordo com o Moran (2016, p. 2),

Outro campo importante de aprendizagem ativa é o domínio das competências digitais, de saber utilizar os aplicativos para tecnologias móveis, o uso dos smartphones para pesquisa, atividades de grupo, para compartilhamento constante, para a construção de portfólios digitais, para avaliação mais ampla. A combinação de metodologias ativas e competências digitais é poderosa, dinamiza todos os processos, atrai o interesse dos alunos, mobiliza a escola. Não é uma revolução, mas uma movimentação, que prepara uma revolução mais estruturada.

O ST atualmente é uma ferramenta pedagógica indispensável nas metodologias ativas, porque favorece a autonomia para pesquisas, podendo ser comparado a uma biblioteca, desde que este tenha as especificações mínimas e acesso à internet. Nas aulas de inglês, por exemplo, temos o *google tradutor* e/ou *google lens*, que funcionam como dicionários virtuais, ressaltando que estes são aplicativos gratuitos presentes em qualquer ST android. Ele pode oferecer infinitas possibilidades de uso, como compartilhar constituição de textos colaborativos que amadurecem a resolução de um problema proposto, por exemplo.

2.3 Ponto de encontro para falar de LDs

Em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou estado de pandemia da Covid-19, o que provocou a suspensão das aulas presenciais em todos as esferas educacionais de muitos países, inclusive no Brasil. As Secretarias de Educação orientaram o uso de plataformas de aprendizagem para o ensino remoto emergencial. Os gestores escolares afirmaram que não iriam abandonar nenhum aluno. Tal fato desencadeou uma série de desdobramentos no campo educacional, como, por exemplo, a falta de equipamentos tecnológicos e internet suficientemente adequada para o ensino remoto. E foi neste momento que surgiu o debate a respeito do ST como única via de acesso eficaz, como recurso pedagógico disponível do estudante.

O corpus desta pesquisa percorre os conceitos do LD para compor uma discussão teórica sobre as vantagens do uso do ST como tecnologia pedagógica. Em consonância com Soares (2002, p. 152),

Pode-se concluir que a tela como espaço de escrita e de leitura traz não apenas novas formas de acesso à informação, mas também novos processos cognitivos, novas formas de conhecimento, novas maneiras de ler e de escrever, enfim, um novo letramento, isto é, um novo estado ou condição para aqueles que exercem práticas de escrita e de leitura na tela.

Sobre isso, Nagumo e Teles (2016) observam que a ótica da restrição cedeu seu lugar para a ótica das motivações e justificativas, destacando que os ST têm o poder de ampliar a esfera cultural do aluno ao propiciar-lhe o ingresso na cultura digital globalizada.

A conjuntura de pandemia de Covid-19 favoreceu o repensar de comportamentos sociais e, em consequência, redesenhou o modelo de ensino nas escolas. Então, nesse cenário, levantaremos reflexões a respeito de possibilidades tecnológicas que ajudam no ensino remoto e na formação de pessoas críticas, independentes e capazes de participar de uma metodologia ativa. Se prestarmos atenção, poderemos comprovar que mesmo antes desse período os desafios de empoderamento do letramento digital sempre permearam o ambiente escolar e, agora, tornou-se um caminho eficaz e possível a ser seguido, sendo este, conseqüentemente, um novo paradigma que continuará como herança extremamente indispensável no período pós-pandemia.

Acreditamos que a tecnologia não substituirá o professor, porém pensamos que somente aqueles que a dominam permanecerão no lugar daqueles que não a detêm. Expomos isso em razão de a tecnologia estar presente na amplitude de nossas tarefas diárias e, por consequência, na educação, sobretudo em recursos aplicados no ambiente pedagógico, representando um enorme ganho para auxiliar as aulas e atividades diárias, chegando ao ponto de não representar apenas uma questão de escolha e, sim, de necessidade e adequação. Assim, seguimos o pressuposto enfatizado por Paiva (2012, p. 215) de que “os computadores não vão substituir os professores, mas os professores que usam computadores vão substituir os que não o fazem”.

Dudney, Hockly e Pegrum (2016, p. 17) definem LDs como “habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente no âmbito crescente de canais de comunicação digital”. Cabe, aqui, mencionar que a forma correta e mais coerente é referenciá-la é no plural, visto que os letramentos se ramificam para formar a sua totalidade, de acordo com o quadro dos LDs ilustrados na Figura 4, a seguir:

Figura 4 - Quadro dos LDs

		Primeiro foco: Linguagem	Segundo foco: Informação	Terceiro foco: Conexões	Quarto foco: (Re)desenho
Complexidade crescente ↓ ↓	*	Letramento impresso			
		Letramento em SMS			
	**	Letramento em hipertexto	Letramento classificatório		
			Letramento em pesquisa	Letramento pessoal	
	***	Letramento em multimídia	Letramento em informação	Letramento em rede	
			Letramento em filtragem	Letramento participativo	
	****	Letramento em jogos		Letramento intercultural	
	Letramento móvel				
*****	Letramento em codificação			Letramento em remix	

Fonte: Dudeney, Hockly e Pegrum (2016, p. 21).

Hoje, muitos educadores refletem suas práxis, e muitos deles observam aspectos negativos. Eles concluem que existe uma degradação da norma culta padronizada e complexa frente às mudanças de um novo paradigma social, em que, de acordo com Bauman (informação verbal), “vivemos tempos líquidos. Nada é para durar”. E tal realidade se desdobra em mudanças na língua, especialmente na forma e velocidade como as pessoas se comunicam, e mais diretamente no universo dos letramentos. Porém outros professores, os que já se apoderaram do LD, declaram que haverá grandes ganhos baseados em projetos colaborativos, em que as trocas nas redes sociais e o uso da inteligência artificial favorecerá um aprendizado rápido e eficiente.

Nesse contexto, os LDs mostram que:

Estamos preparando estudantes para um futuro de contornos nebulosos. Não sabemos que novos postos de trabalho existirão, que novos problemas sociais e políticos emergirão. Mesmo assim estamos começando a desenvolver um retrato mais claro de competências necessárias em vista de eles poderem participar de economias e sociedades pós-industriais digitalmente interconectadas (Dudeney; Hockly; Pegrum, 2016, p. I).

É possível perceber que as experiências de aprendizagem são diferentes, mesmo em face de contextos semelhantes, e que o papel do material didático não é apenas estimular atividades criativas, mas também incentivar a autonomia do aprendiz para que ele possa buscar novas experiências, dinamizando, assim, o processo de aquisição.

Não é novidade afirmar que os STs, aqui mencionados como ferramenta pedagógica, estão integrados às nossas atividades diárias. Hoje, observamos uma interação intensa entre os jovens e os aparelhos de telefonia móvel.

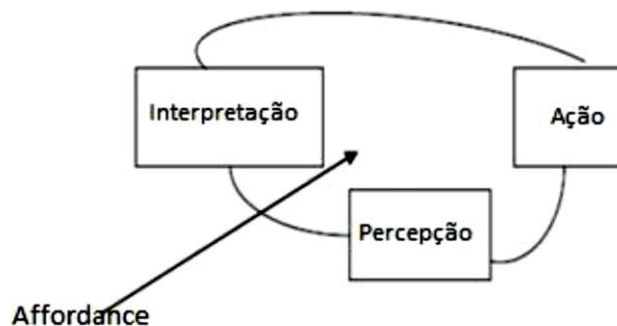
Os STs estão aí de forma que não podemos ignorá-los:

Estamos vivendo em um contexto da computação ubíqua, no qual os celulares estão incorporados em nossas atividades diárias, de modo que nós, inconscientemente, aproveitamos suas comodidades digitais como estratégias para alcançar certos benefícios em nossa vida real. Então, por que não podemos tirar proveito desta situação? Por que não explorar as potencialidades deste dispositivo no ensino-aprendizagem de línguas? (Costa, 2013, p. 2).

Os aparelhos digitais quase nos obrigam a usá-los, pois estão intimamente ligados à construção do conhecimento, seja dentro ou fora do ambiente escolar, além das facilidades propiciadas pelo seu uso nas tarefas cotidianas.

A seguir, conforme a Figura 5, apresentamos um diagrama que elucida a sedução presente nos dispositivos digitais. Pelo simples observar, é possível interpretar, ter a percepção e agir de forma apropriada com um objeto que, na concepção de sua construção, objetiva ao perfeito mecanismo de acionamento que funciona intuitivamente, tornando fácil, desse modo, sua aplicabilidade prazerosa.

Figura 5 - Diagrama de sedução dos aparelhos digitais



Fonte: Adaptado de Van Lier (2004, p. 92).

Como se observa na figura 5, anterior, do resultado da interação entre ação, percepção e interpretação acontece o processo do *affordance*, que deriva do termo em Inglês *Afford*

(proporcionar, dar, conceder, dispor, permitir), que remete as pessoas a realizar algo óbvio, perfeitamente fácil de compreender seu funcionamento.

O conceito de *affordance* tem sofrido evoluções significativas desde que foi desenvolvido por Gibson na primeira metade do século 20. Em seu último livro, Gibson afirmou que foi influenciado pelas ideias de Kurt Koffka, um psicólogo da Gestalt que tinha sido seu colega no *Smith College* durante os anos 1930 e que usou o termo *demand-character* para descrever a relação entre o observador e o ambiente. Koffka defende que o significado das coisas é percebido por outras propriedades aparentemente do objeto. Ele afirma que: “Cada coisa diz o que é”. Uma fruta diz: “Coma-me”; a água diz: “Beba-me”; o trovão diz: “Tema-me”; e a mulher diz: “Ame-me” (Costa, 2013, p. 10).

Diante disso, posso verificar porque um ST é facilmente compreendido com suas funcionalidades, sem muitas explicações inclusive. Basta alguém observar e manuseá-lo por um período curto que o aparelho é prontamente usado. E é essa facilidade que seduz milhares de pessoas. Por meio do ST, pelas *affordances* ali presentes, conseguimos gravar uma voz, digitar uma frase e, em seguida, traduzi-la e pronunciá-la, como exemplos bem claros.

2.4 O celular virou escola

Como nos tempos pós-guerra, houve uma mudança cultural forçada que aconteceu nesses últimos quinze meses de isolamento de pandemia e que não tem mais retorno. Tal fato trouxe heranças que, se não colocadas em prática, pelo menos, provocarão um repensar aprofundado de como os estudantes auxiliados pela tecnologia conseguem uma autonomia para seu crescimento intelectual, sobretudo naqueles que têm um interesse e maturidade para fazer uma busca pelo seu crescimento intelectual, que, aliás, tem origem intrínseca.

Nesse recorte de pensamento, procuro inicialmente fazer uma analogia conectando a relação entre a maneira como nós aprendemos com o aprendizado autônomo e colaborativo, dentro das redes sociais, plataformas de conhecimento digitais e aplicativos de ST. E isto se torna evidente, pois

[...] trata-se do estágio do processo de aprendizagem em que o aluno consegue fazer sozinho ou com a colaboração de colegas mais adiantados o que antes fazia com auxílio do professor, isto é, dispensa a mediação do professor. Na ótica de Vygotsky, esse “fazer em colaboração” não anula mas destaca a participação criadora da criança e serve para medir o seu nível de desenvolvimento intelectual, sua capacidade de discernimento, de tomar a iniciativa, de começar a fazer sozinha o que antes só fazia acompanhada,

sendo ainda, um valiosíssimo critério de verificação da eficácia do processo de ensino-aprendizagem (Duarte, 2007, p. 17).

Querendo ou não, nossos estudantes tiveram que fazer por eles mesmos o que fora planejado pelo professor nesse contexto de distanciamento social ocasionado por esse período pandêmico. O aprendizado, ajudado pelo computador ou ST, tornou-se inevitável, mesmo que muitos não dominem profundamente os LDs.

No título do item 2.5, “celular virou escola”. Cabe, aqui, sob essa declaração, ressaltar que essa ferramenta representa um símbolo da autonomia do aprendiz. As redes sociais e os aplicativos ajudam na construção de um conhecimento colaborativo, ao mesmo tempo individual, para que o estudante seja independente e interaja com protagonismo no mundo digital globalizado. Sobre isso, Dudeney, Hockly e Pegrum (2016, p. 17) afirmam:

[...] No centro desse complexo de habilidades, está a capacidade de se envolver com as tecnologias digitais, algo que exige um domínio dos *letramentos digitais* necessários para usar eficientemente essas tecnologias, para localizar recursos, comunicar ideias e construir colaborações que ultrapassem os limites pessoais, sociais, econômicos, políticos e culturais. Em vista de se envolverem plenamente com as redes sociais, ter acesso a vagas de emprego nas economias pós-industriais de conhecimento e assumir papéis como cidadãos globais confortáveis em lidar com diferenças culturais, nosso estudantes carecem de um conjunto completo de letramentos digitais a sua disposição.

Uma grande vantagem a ser mencionada nas tecnologias digitais seria a repetição: “*Repetitio est mater studiorum*” (Provérbio Latino - Repetição é a mãe do aprendizado).

Nos materiais encontrados na internet, como aulas virtuais, ambientes de aprendizagem, o estudante pode ter acesso aos conteúdos disponíveis onde ele estiver e aqui podemos exemplificar as aulas disponíveis no *Youtube*. Nesta plataforma, o estudante pode assistir várias vezes e ir pausando, se quiser, no seu próprio tempo e ritmo de aprendizado, fato que não aconteceria no ambiente tradicional de ensino.

Ao olhar para o futuro, com base na experiência docente, é possível afirmar que os estudantes querem progressivamente ver vídeos curtos, querem aprender através de um jogo, querem fazer um *quiz*, querem interagir com os colegas usando *Google Meet*, querem produzir vídeos curtos, responder a uma avaliação no *Google Forms*, entre outras ações. Essa evolução promove um nível de engajamento e de integração com os STs de tal modo que o professor não deve e não pode negar o processo de infiltração das tecnologias dentro do ambiente escolar, se quiser se conectar com o aluno. Cortela (2014, p. 51), sobre esse raciocínio, assim discorre:

Em maior ou menor escala, a tecnologia invadiu a sala de aula. Mas isso não significa necessariamente que o desafio do professor tenha mudado. Antes, na aula de Filosofia, de Matemática, de Biologia, quando o aluno ficava desenhando no caderno no fundo da sala, com a cabeça em cima da mesa ou lendo uma revista dentro do livro, qual era o motivo daquele comportamento? A aula que estava sendo dada. A diferença é que a tecnologia atual oferece uma multiplicidade maior de distrações. E o professor não pode ficar vigiando e supervisionando se o aluno está de olho no celular. Nem teria essa capacidade, inclusive porque o aparelho pode estar no colo, dentro de um livro, escorado na carteira da frente. O professor vai bloquear isso? Não. Como vai dificultar? Dando uma aula que tenha conexão com o aluno, senão ele a deixa de lado.

A interação professor-aluno não pode ficar atrelada a estruturas e modos de ensino obsoletos presos a metodologias de cem anos atrás, que se revelam com um mundo novo e uma alma antiga.

2.5 Uma abordagem de exclusão digital

O caráter individual supera o coletivo, e as obrigações mútuas se desintegram com a crueldade neoliberal, onde o bem comum não existe e o “eu” se torna o discurso mais comum e individualista, sobretudo num mundo onde as redes sociais propagam e ensinam que a beleza, o poder, a fama e a riqueza significam felicidade, onde sequer as pessoas param para pensar em quem está no controle dessas estratégias de convencimento para, na verdade, impulsioná-las ao consumo.

Em relação à exclusão digital no Brasil, onde as relações de poder estão inseridas em todas as faces da sociedade, no âmbito da tecnologia não é diferente, visto que quem pode pagar por aparelhos STs de qualidade superior e pagar por uma velocidade de internet satisfatória são exatamente aqueles que podem comprar tecnologia, evidenciando um fenômeno do capitalismo moderno que define como cidadão aquele que consome e exclui aqueles que não podem comprar tecnologia. Sobre isso, Santos (2003, p. 37) informa que “a competitividade, sugerida pela produção e pelo consumo, é a fonte de novos totalitarismos, mais facilmente aceitos graças à confusão dos espíritos que se instala”. Ele acrescenta:

Essas técnicas da informação são apropriadas por alguns Estados e por algumas empresas, aprofundando assim os processos de criação de desigualdades. É desse modo que a periferia do sistema capitalista acaba se tornando ainda mais periférica, seja porque não dispõe totalmente dos novos

meios de produção, seja porque escapa a possibilidade de controle (Santos, 2003, p. 39).

A obsolescência programada, que podemos traduzir aqui diretamente por todas as coisas que são feitas para serem jogadas no lixo, fortalece ainda mais o teor capitalista e de satisfação pessoal, que revela de novo as relações de poder, visto que quando alguém tem um bem mais caro mais sensação de poder ele tem, considerando que nem todos conseguem obter aquele bem. Portanto, revela-se aqui um ciclo infinito que alimenta a sociedade de consumo que vive em um eterno *looping*, ou seja, trabalhar para comprar, usar por um período curto e jogar fora.

Evidencio, portanto, a apresentação de uma dualidade estabelecida sob dois aspectos: uma ferramenta que viabiliza o acesso à informação e conhecimento, que serão legítimos para a consagração do poder, sobretudo para consolidação da liberdade de pensamento que, de forma impactante, influencia a sociedade para novos comportamentos sociais e de democratização dos espaços de discussão e comunicação, como também um veículo que pode garantir a autonomia do cidadão, para um perfil autodidata.

Curiosamente, por outro lado, o ST se enquadra dentro de um símbolo de exclusão digital. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (PNAD, 2019), a proporção de pobres é de 24,7% e a de extrema pobreza se mantém em 6,5% da população. Isso significa que quase 25% da população brasileira passa por dificuldades de acesso a tecnologias minimamente adequadas para participar das aulas remotas, através de ambientes de aprendizado como o *Google Classroom*, *Google Meet*, entre outros recursos. O que reforça as desigualdades sociais num campo já injusto, ressaltando que os alunos negros e pobres, rurais e aqueles com deficiência de aprendizagem enfrentam maiores dificuldades no ensino remoto e híbrido.

A tecnologia associada ao ST que tem acesso à internet não fará com que o aprendizado remoto funcione para todos, nem fará muito para compensar a perda de aprendizado acumulado no período pandêmico, porque a equidade de acesso às tecnologias ainda é algo distante.

2.6 Qual a relação entre os STs e a Linguística Aplicada?

A seguir apresento um raciocínio de como a Linguística Aplicada, os STs e a Inteligência Artificial (IA), de certa forma, se associam. Uma revolução está acontecendo no campo tecnológico, de maneira que é preciso salientar a impossibilidade de não falar, hoje, de tecnologia (no caso específico os dispositivos móveis) sem mencionar a IA pelo menos de forma breve, afinal ela está redefinindo a forma como lidamos com tudo que é tecnológico, inclusive na educação.

Segundo Kumaravadivelu (2006), o postmethod é uma abordagem pedagógica que busca levar em consideração a realidade sociocultural dos alunos e do contexto educacional para desenvolver uma prática de ensino de línguas mais sensível e eficaz. Essa abordagem é baseada em três parâmetros pedagógicos: particularidade, praticidade e possibilidade.

Desta forma, há uma grande relação entre o postmethod, postulado por Kumaravadivelu (2006), e a Linguística Aplicada. Ambos buscam uma abordagem mais contextualizada e situada para o ensino de línguas. O postmethod, na verdade, explica indiretamente como o ST é o meio que aproxima a busca da contextualização e sensibilidade à realidade sociocultural dos alunos e do contexto de ensino que contribui para o desenvolvimento de práticas de ensino mais eficazes e relevantes.

Segundo Shield e Kukulska-Hulme (2008), a aprendizagem de línguas assistida por dispositivos móveis (MALL) é ajudada/aprimorada por meio do uso dos STs. MALL é um subconjunto do Mobile Learning (m-learning) e do aprendizado de línguas assistido por computador (CALL). O MALL surgiu para apoiar a aprendizagem de idiomas dos alunos com o aumento do uso de tecnologias móveis, como o STs. Stockwell e Hubbard (2013, p. 2) asseveram que

MALL foi definida como o uso de “tecnologias móveis na aprendizagem de línguas, especialmente em situações em que a portabilidade dos dispositivos oferece vantagens específicas” (Kukulska-Hulme, 2013, p. 3701). MALL inclui dispositivos que vão desde leitores de MP3/MP4, smartphones e leitores de e-books até computadores portáteis e tablets (Tradução minha).

Para Stockwell e Hubbard (2013), em um esforço para caracterizar o MALL de forma coerente, olhamos para ele do ponto de vista de um quadro que divide as questões relevantes em três domínios: físico, pedagógico e psicossocial. Embora existam pontos claramente relevantes para cada questão, estas categorias não existem separadamente umas das outras; em vez disso, eles estão necessariamente inter-relacionados e sobrepostos.

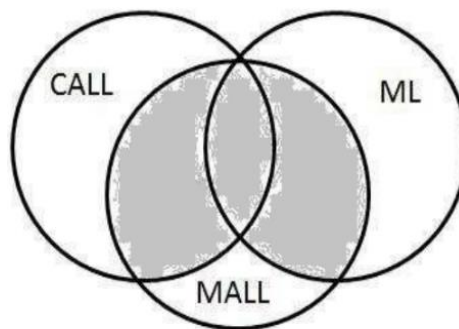
Questões Físicas: este domínio centra-se nas considerações práticas relacionadas com a utilização de dispositivos móveis para a aprendizagem de línguas, tais como a necessidade de uma internet veloz e a concepção de interfaces que sejam acessíveis e fáceis de utilizar.

Questões Pedagógicas: este aspecto aborda as considerações pedagógicas relacionadas com a utilização dos STs para a aprendizagem de línguas, tais como a necessidade de alinhar as atividades com os objetivos de aprendizagem e de fornecer instruções claras e feedback aos alunos.

Questões Psicossociais: este ponto explora as considerações sociais e psicológicas relacionadas com a utilização de dispositivos móveis para a aprendizagem de línguas, tais como o potencial de distração e a necessidade de promover um ambiente de aprendizagem favorável e colaborativo.

É crescente a literatura sobre aprendizagem de línguas através de STs. Diante disso, a seguir, na Figura 6, descrevo uma estrutura de três partes especificamente dedicada a ela. No entanto, é importante reconhecer que este campo não é totalmente independente. Além da sua óbvia relação com a aquisição de uma segunda língua (SLA), existem dois grandes corpos de conhecimento aos quais podemos recorrer para orientação: LM - a aprendizagem móvel em geral e a CALL - aprendizagem de línguas assistida por computador. Vejamos como a ilustração demonstra a inter-relação entre os campos no diagrama de Venn¹¹:

Figura 6 - Diagrama que mostra a inter-relação entre: CALL, ML e MALL



Fonte: Stockwell e Hubbard (2013, p. 5).

O MALL tem muito em comum com CALL e ML, que é melhor entendido como pertencendo principalmente a ambas as disciplinas (em vez de ser separado delas); a conexão entre o aprendizado móvel de línguas (MALL) e o aprendizado de línguas assistido por computador (CALL) são duas áreas de pesquisa e prática relacionadas ao uso de tecnologias para o ensino e a aprendizagem de línguas.

Elias (2011) interpreta a aprendizagem móvel e escolhe quatro princípios claramente valiosos para o MALL (Quadro 2):

¹¹ “O diagrama de Venn, também conhecido como diagrama de Venn-Euler, é uma maneira de representar graficamente um conjunto, para isso utilizamos uma linha fechada que não possui auto intersecção e representamos os elementos do conjunto no interior dessa linha. A ideia do diagrama é facilitar o entendimento nas operações básicas de conjuntos, como: relação inclusão e pertinência, união e intersecção, diferença e conjunto complementar”.

LUIZ, Robson. "Diagrama de Venn"; *Brasil Escola*. Disponível em:

<https://brasilecola.uol.com.br/matematica/diagrama-de-venn.htm>. Acesso em 21 de fevereiro de 2024.

Quadro 2 - Os quatro princípios do MALL

Princípio	Descrição	Exemplo
Uso equitativo	O conteúdo deve ser acessível a todos os alunos, independentemente de suas habilidades, conhecimentos ou experiências anteriores.	Entregar o conteúdo em formatos e níveis de dificuldade variados.
Uso flexível	O conteúdo deve permitir que os alunos aprendam no seu próprio ritmo e estilo.	Dividir o conteúdo em partes pequenas e oferecer diferentes opções de atividades.
Tolerância ao erro	Os alunos devem ser encorajados a experimentar e aprender com seus erros.	Oferecer feedback construtivo e oportunidades para os alunos revisarem seu trabalho.
Ambiente instrucional	O ambiente de aprendizagem deve ser envolvente e motivador.	Enviar lembretes regulares, quizzes e perguntas para os estudantes.

Fonte: Elias (2011, p. 148), com adaptações do autor desta dissertação.

Na verdade, estou falando de DI ou DUA, no quadro acima. De acordo com Filatro (2004), o design instrucional corresponde à

[...] ação intencional e sistemática de ensino, que envolve o planejamento, o desenvolvimento e a utilização de métodos, técnicas, atividades, materiais, eventos e produtos educacionais em situações didáticas específicas, a fim de facilitar a aprendizagem humana a partir dos princípios de aprendizagem e instrução conhecidos.

Segundo Nunes e Madureira (2015, p. 140),

Esta abordagem, designada DUA, considera que para promover a aprendizagem é importante que o professor tenha em consideração as redes afetivas, as redes de reconhecimento e as redes estratégicas. O que significa a importância de o docente organizar a intervenção pedagógica equacionando sistematicamente estratégias diversificadas, de modo a assegurar que todos os alunos se sentem motivados para aprender, que todos têm facilidade em aceder e compreender os conteúdos de ensino e, por último, que todos vivenciam experiências de acordo com as suas necessidades e possibilidades de expressão.

Em consonância com o website da Iberdrola¹² (2023), mobile learning (ou m-learning) é um método de aprendizagem que envolve o uso de dispositivos móveis para fortalecer as interações. Aprendizagem móvel, como é conhecida em português, pode ser aplicada em diversos contextos, aproveitando tecnologias que possibilitam a conexão entre professores e alunos e, assim, melhorar a dinâmica de ensino e aprendizagem. Os 10 princípios listados no

¹² *Mobile learning*: bem-vindos à nova realidade nas salas de aula. Disponível em: <https://www.iberdrola.com/talentos/o-que-e-m-learning-e-vantagens#:~:text=O%20m%2Dlearning%20prov%C3%A9m%20do>. Acesso em: 15 nov. 2023.

Quadro 3, a seguir, norteiam a base inicial para desenvolver e implementar a linguagem móvel no aprendizado.

Do MALL e CALL derivam 10 princípios para a ML, segundo Stockwell e Hubbard (2013):

Quadro 3 - Os dez princípios do ML

Princípio	Exemplo
Princípio 1: As atividades, tarefas e aplicativos móveis devem distinguir as <i>affordances</i> e limitações do dispositivo móvel e do ambiente em que ele será usado, em relação ao objetivo de aprendizagem.	Um exemplo é o aplicativo Cake ¹³ que aproveita as <i>affordances</i> dos dispositivos móveis para um estudo flexível e integrado à rotina do usuário, ao mesmo tempo que considera suas limitações, como a breve capacidade de atenção e as variáveis condições de acesso à internet, para moldar lições curtas e acessíveis a qualquer momento. Focando em habilidades cruciais como escuta e fala, utiliza conteúdo multimídia para engajar alunos e simular situações comunicativas reais. Por outro lado, o aplicativo também aborda as limitações dos dispositivos móveis, como telas pequenas e capacidade de atenção limitada dos usuários em ambientes possivelmente distrativos, por meio da oferta de atividades breves e focadas.
Princípio 2: Limite o multitarefa e as distrações ambientais. Os ambientes móveis podem ser propícios a interrupções e perda de foco, o que interfere na aprendizagem deliberada e incidental.	Um exemplo é o uso de um cronômetro ou de um aplicativo de produtividade para estabelecer períodos de estudo focado e intervalos regulares. Outro exemplo é selecionar um local silencioso e confortável para realizar as atividades móveis, evitando fontes de ruído ou distração, como televisão, música ou conversas.
Princípio 3: Incentive, mas respeite os limites. O mecanismo de push pode estimular os alunos a realizar as atividades, mas ao mesmo tempo, os alunos têm preferências sobre quando e com que frequência querem receber esses lembretes.	Um exemplo é o uso de um sistema de recompensas ou de gamificação para motivar os alunos a completar as atividades móveis e acompanhar o seu progresso. Outro exemplo é dar aos alunos a opção de escolher os horários e as formas de receber os lembretes, como mensagens de texto, e-mails ou notificações no aplicativo.
Princípio 4: Busque manter a equidade. Em um ambiente de aprendizagem formal, é importante considerar questões como a posse, a compatibilidade, a conectividade e o custo do uso dos dispositivos móveis pelos alunos. Alternativas não móveis equivalentes devem estar disponíveis se houver uma desigualdade evidente.	Um exemplo é fornecer aos alunos dispositivos móveis emprestados ou compartilhados pela instituição de ensino, caso eles não possuam ou não possam usar os seus próprios. Outro exemplo é disponibilizar recursos educacionais abertos ou gratuitos para reduzir os custos de acesso aos conteúdos móveis ou oferecer alternativas em outros formatos, como impressos ou digitais, além de tradutores off-line.
Princípio 5: Reconheça e planeje acomodar as diferenças entre os aprendizes de línguas. Assim como em outros tipos de	Um exemplo é oferecer aos alunos diferentes tipos de atividades e recursos para praticar as habilidades linguísticas, como vídeos, áudios, textos, imagens, jogos, quizzes, etc., para atender aos diferentes estilos de aprendizagem. Outro exemplo é adaptar os

¹³ Disponível em : <https://cake.day/>

<p>implementações tecnológicas, a aprendizagem móvel deve levar em conta uma variedade de estilos de aprendizagem, níveis de conforto e necessidades especiais dos alunos.</p>	<p>conteúdos e as interfaces dos aplicativos móveis às necessidades especiais dos alunos, como usar fontes maiores ou cores contrastantes para facilitar a leitura ou usar recursos de voz ou gestos para facilitar a interação.</p>
<p>Princípio 6: Esteja ciente e aproveite os usos e culturas de uso existentes dos alunos para seus dispositivos. Os estudos mostraram que os alunos podem perceber seus dispositivos móveis como sendo para uso pessoal e social, em vez de instrumentos educacionais. Alguns aplicativos móveis podem exigir o desenvolvimento de novas habilidades, mas quanto mais consistente uma tarefa ou aplicativo for com os usos existentes, mais facilmente os alunos provavelmente aceitarão.</p>	<p>Um exemplo é o uso de redes sociais ou aplicativos de mensagens para promover a interação e a colaboração entre os alunos e os professores, aproveitando os usos e as culturas de uso existentes dos dispositivos móveis. Outro exemplo é o uso de aplicativos móveis que simulam situações reais de comunicação, como fazer uma reserva em um hotel ou pedir uma pizza, para contextualizar e autenticar as tarefas de aprendizagem de línguas.</p>
<p>Princípio 7: Mantenha as atividades e tarefas de aprendizagem móvel curtas e sucintas quando possível. Como consequência, divida as tarefas ou atividades mais longas em pedaços menores e coerentes. Isso facilita a retomada da tarefa após interrupções, que são previsíveis em muitos ambientes móveis.</p>	<p>Um exemplo é o uso de <i>microlearning</i> ou pílulas de aprendizagem, que são unidades de conteúdo ou atividade que podem ser consumidas em poucos minutos, para facilitar a retenção e a transferência do conhecimento. Outro exemplo é o uso de estratégias de design instrucional, como <i>chunking</i> ou modularização, para organizar e sequenciar as informações em blocos lógicos e coerentes, facilitando a compreensão e a navegação.</p>
<p>Princípio 8: Deixe a tarefa de aprendizagem de línguas se adequar à tecnologia e ao ambiente, e deixe a tecnologia e o ambiente se adequarem à tarefa. Se a suposição é que os alunos usarão um telefone em intervalos curtos durante o dia, em ambientes onde pode ser difícil incorporar som, então as tarefas devem ser desenvolvidas para se adequar a essa tecnologia e ambiente e ainda permitir uma aprendizagem eficaz.</p>	<p>Um exemplo é o uso de realidade aumentada ou realidade virtual para criar experiências imersivas e interativas de aprendizagem de línguas, aproveitando as características do ambiente físico e do dispositivo móvel. Outro exemplo é o uso de podcasts ou audiobooks para oferecer conteúdos auditivos que podem ser acessados em qualquer lugar e a qualquer momento, adaptando-se às preferências e às rotinas dos alunos.</p>

<p>Princípio 9: Alguns, possivelmente a maioria, dos alunos precisarão de orientação e treinamento para usar efetivamente os dispositivos móveis para aprender idiomas. Os alunos podem não estar cientes do impacto negativo do multitarefa ou do ambiente em que estão usando os dispositivos móveis, por exemplo, e precisam ser informados e treinados para tornar seu uso o mais eficiente possível.</p>	<p>Um exemplo é o uso de tutoriais ou guias para ensinar os alunos a usar os aplicativos móveis ou as plataformas de aprendizagem, explicando suas funcionalidades, benefícios e desafios. Outro exemplo é o uso de feedback ou orientação para ajudar os alunos a monitorar seu desempenho, progresso e dificuldades, oferecendo dicas, sugestões ou correções.</p>
<p>Princípio 10: Reconheça e acomode múltiplos interessados. Em um ambiente de sala de aula, é preciso fornecer preparação adequada e apoio motivacional para professores e alunos. No local de trabalho, é preciso considerar o impacto da ubiquidade potencial da aprendizagem móvel nos colegas de trabalho, supervisores e produtividade em geral. Dentro dos ambientes educacionais e profissionais, a aprendizagem móvel de línguas é apenas um tipo de aprendizagem móvel que provavelmente está ocorrendo. Há potencial para transferência positiva entre um domínio de aprendizagem e outro, mas também conflito quando as necessidades de aprendizagem de conteúdo e língua se fundem ou se chocam.</p>	<p>Um exemplo é o uso de uma abordagem participativa ou colaborativa para envolver os diferentes interessados no planejamento, na implementação e na avaliação das iniciativas de aprendizagem móvel de línguas, buscando alinhar as expectativas, os objetivos e os resultados. Outro exemplo é o uso de uma abordagem integrada ou transversal para conectar as diferentes áreas ou domínios de aprendizagem móvel, buscando promover a interdisciplinaridade, a relevância e a transferência.</p>

Fonte: Stockwell e Hubbard (2013, p. 8-9), com adaptações do autor desta dissertação.

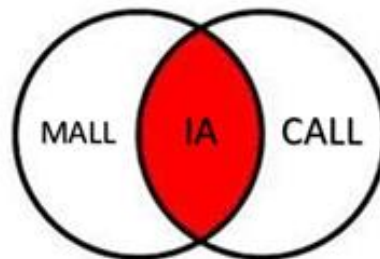
O quadro anterior reflete exemplos sugeridos que podem perfeitamente ser aperfeiçoados ou complementados e servem basicamente como parâmetro de entendimento aos princípios que devem nortear o ML. A aprendizagem de línguas assistida por dispositivos móveis (MALL) está assegurando rapidamente o seu espaço nos contextos educacionais de línguas. O acesso a recursos poderosos, como aplicativos e plataformas específicas para o ensino e a aprendizagem de uma segunda língua, torna o MALL um complemento atrativo para outras modalidades pedagógicas. No entanto, é fundamental que os envolvidos nesse processo (alunos, professores, gestores e empregadores) estejam conscientes dos desafios físicos, pedagógicos e psicossociais que a implementação bem-sucedida do MALL implica.

Um diagrama de Venn é uma forma de ilustrar graficamente as relações entre conjuntos de elementos. Nesse caso, os elementos são MALL, CALL e IA. MALL significa Mobile-Assisted Language Learning, ou seja, o uso de dispositivos móveis para auxiliar o aprendizado de línguas. CALL significa Computer-Assisted Language Learning, ou seja, o uso de computadores para auxiliar o aprendizado de línguas.

A inteligência artificial é um campo da ciência da computação que se dedica ao estudo e ao desenvolvimento de máquinas e programas computacionais capazes de reproduzir o comportamento humano na tomada de decisões e na realização de tarefas, desde as mais simples até as mais complexas. É comumente referida pela sigla IA ou AI (em inglês, artificial intelligence) (Guitarrara, 2023).

Um possível diagrama de Venn que mostra a relação entre MALL, CALL e IAs é o seguinte, ilustrado na Figura 7:

Figura 7 – Intersecção entre MALL e CALL com IA



Fonte: Autor desta dissertação.

O diagrama de Venn acima ilustra a relação entre MALL (Mobile-Assisted Language Learning) e CALL (Computer-Assisted Language Learning), com a Inteligência Artificial (IA) representando a intersecção entre esses dois elementos. Isso significa que a IA é um componente crucial que contribui tanto para o aprendizado de línguas assistido por dispositivos móveis quanto por computadores, oferecendo recursos que enriquecem a experiência de aprendizado em ambos os campos.

Nessa perspectiva, a Figura 8 propõe exemplos de uso de inteligência artificial no dia a dia das pessoas e as possibilidades que oferecem.

Figura 8 - Infografia com exemplos do uso cotidiano da inteligência artificial



Fonte: Parlamento Europeu.¹⁴

A IA está onipresente na vida das pessoas, pois ela está envolvida em diversas atividades diárias, como comunicação, entretenimento, educação, saúde, segurança e transporte. Ela também está transformando o mercado de trabalho, criando novas oportunidades e desafios para os profissionais. A IA ainda continua em um processo infinito de evolução a ser explorado, mas também requer muitos pontos de atenção, como cuidados éticos, por exemplo: o plágio e questões sociais, para garantir seu uso responsável em benefício da humanidade.

Com os avanços impressionantes na Inteligência artificial, na realidade virtual e aumentada, como serão as aulas para jovens e adultos nos próximos anos? As tecnologias estão convergindo, se integram mais profundamente e apresentam ambientes muito atraentes e imersivos para ensinar e aprender em qualquer lugar, a qualquer hora e de múltiplas formas (Moran, 2023).

Na citação adiante segue uma descrição de como a IA se manifesta de forma contínua na vida das pessoas e está presente em todos os lugares, como, por exemplo: na automação das fábricas, nas redes sociais, nos navegadores e, conseqüentemente, nos STs.

A inteligência artificial faz parte da nossa sociedade há décadas. O seu início foi reconhecido a partir da pesquisa de Turing (1950) e a ideia de que uma

¹⁴ Disponível em: <https://www.europarl.europa.eu/news/pt/headlines/society/20200827STO85804/o-que-e-a-inteligencia-artificial-e-como-funciona>

máquina pode ter conhecimento equivalente ao do ser humano. Desde então, diversas experiências de inteligência artificial vêm sendo utilizadas, em nosso cotidiano, com o intuito de direcionar as nossas experiências. Alguns exemplos podem ser verificados: em pedidos de transporte por aplicativo que constrói uma estrutura decisória para escolher a melhor opção de motorista, analisando uma série de variáveis (localização, perfil do solicitante, avaliação do motorista, etc.); quando buscamos relacionamentos on-line por meio de multiplataformas de localização de pessoas – elas analisam, além de informações de perfil informadas pelo usuário, dados dos históricos de outras combinações e localizam pessoas geograficamente próximas; quando usamos um robô varredor inteligente, usamos sensores e algoritmos inteligentes; quando navegamos nas redes sociais, os anúncios exibidos têm relação com os itens pesquisados por nós nos motores de busca; ou, ainda, quando interagimos com assistentes virtuais (Boa Sorte et al., 2021, p. 3).

E, finalmente, no que se refere ao plágio, considero que o uso do ChatGPT seja vantajoso, desde que devidamente mencionados os autores. Esta ferramenta indica caminhos, encurta grandes processos trabalhosos. O ChatGPT é uma ferramenta valiosa na escrita, mas é importante lembrar que ele não pode substituir completamente a habilidade e a experiência de um ser humano. Sobre isso, Irigaray e Stocker (2023, p. 1-5) acrescentam,

Podemos ainda fazer um exercício mental. Imaginem que, em uma chamada de artigos, cinco autores usassem o ChatGPT para produzir um artigo sobre o mesmo tema. Há grande possibilidade de que todos os textos guardassem grande similaridade. Assim, o sistema antiplágio identificaria a falta de marca autoral e, por consequência, os artigos seriam recusados.

O uso do ChatGPT deve ser orientado e editado cuidadosamente, seus resultados dependem fortemente do nível de conhecimento de quem escreve e faz o uso dessa ferramenta de forma habilidosa; seus resultados dependem exclusivamente do nível de capacidade e conhecimento teórico e prático do tema estudado e também do usuário que conhece os métodos de produção científica e da capacidade de julgar o que o chat gerou como resultado do prompt¹⁵ de comando que o pesquisador descreveu.

¹⁵ Os prompts do ChatGPT são comandos que você escreve para orientá-lo nas respostas. Quanto mais completas forem as suas instruções, mais direta e precisa será a geração do texto solicitado. Além disso, os prompts devem ser adaptados de acordo com o contexto do diálogo. Isso quer dizer que existem diferentes tipos de comandos que variam conforme as suas necessidades para gerar respostas inteligentes e de qualidade. Disponível em: <https://weni.ai/blog/prompts-chatgpt/#:~:text=a%20Intelig%C3%A2ncia%20Artificial,-,O%20que%20s%C3%A3o%20prompts%20para%20ChatGPT?,com%20o%20contexto%20do%20di%C3%A1logo>. Acesso em: 15 dez. 2023.

3 ACESSO ÀS INFORMAÇÕES E CONFIGURAÇÕES DO SISTEMA

Nesta seção será apresentada a metodologia utilizada no presente estudo. Pela amplitude da pesquisa, conveniência, facilidade de acesso e familiaridade com o local, decidi fazer um recorte temporal de aproximadamente dez anos e localizar as pesquisas no ambiente de trabalho do próprio pesquisador, o Centro Estadual em Educação Profissional em Saúde e Gestão (CEEP)¹⁶, situado na Avenida Santos Dumont S/N, Centro de Guanambi-Bahia, uma escola de porte especial, com 1.411 alunos e 78 professores, com dois pavilhões, A e B, que comportam 22 salas, além de um auditório e quadra poliesportiva, observando que, no momento, esta escola encontra-se em uma grande ampliação, e muito provavelmente mudará toda sua configuração em 2024 (Figura 9).

Figura 9 - Fotos do CEEP



Antes da ampliação



Após ampliação e em fase de conclusão

Fonte: Site do CEEP.

A instituição funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno, classifica-se como centro de ensino médio profissionalizante, composto por turmas de Ensino Profissionalizante Integral (EPI), Programa Nacional de Integração da Educação Básica com a Educação Profissional na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) e Modalidade de Educação Profissional que oferece cursos técnicos Subsequentes (PROSUB), onde atualmente oferta os cursos de Técnico em Análises Clínicas, Técnico em Segurança do Trabalho, Técnico em Gerência em Saúde, Técnico em Administração e Técnico em Serviços Jurídicos.

¹⁶ Disponível em: <https://www.ceep-guanambi.com/>

Quanto à abordagem, trata-se de uma pesquisa *qualitativa*. Portanto, a intenção é realizar reflexões quanto ao uso do ST, seus desdobramentos, vantagens e motivações, gerando uma perspectiva crítica para levantar dados a partir do ponto de vista de professores, com suas subjetividades, com seus sentimentos e percepções na sua totalidade e não essencialmente numéricos. E isso é evidenciado na seguinte ótica:

Privilegiam, essencialmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação. As causas exteriores são consideradas de importância secundária. Recolhem normalmente os dados em função de um contacto aprofundado com os indivíduos, nos seus contextos ecológicos naturais (Bogdan; Biklen, 1994, p. 16).

Os instrumentos necessários para uma pesquisa qualitativa norteiam-se pela definição e delimitação do objeto de pesquisa, que aqui se definem como o ST, professor, aluno, aplicativos e referências pesquisadas, constituídos por um grupo restrito de professores que responderão a um formulário on-line (entrevista semiestruturada) para a coleta de dados, os quais irão gerar reflexões complexas e objetivas para a concretização da análise das respostas objetivas e subjetivas.

Desse modo, Minayo (2010) defende que a modalidade de investigação-ação (pesquisa-ação) tem um sentido bastante presente em textos da área de educação, atuando no setor da avaliação institucional nos processos de autoavaliação e avaliação interna e é usada como ferramenta dentro das escolas, a partir da construção de propostas dos educadores, cumprindo uma função estratégica.

Gil (2002, p. 115) expõe as seguintes definições:

Para a coleta de dados nos levantamentos são utilizadas as técnicas de interrogação: o questionário, a entrevista e o formulário. Por questionário entende-se um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisado. Entrevista, por sua vez, pode ser entendida como a técnica que envolve duas pessoas numa situação “face a face” e em que uma delas formula questões e a outra responde. Formulário, por fim, pode ser definido como a técnica de coleta de dados em que o pesquisador formula questões previamente elaboradas e anota as respostas.

Segundo Paiva (2019), de forma conclusiva a pesquisa-ação é a combinação e interação de dois modos de atividade – ação e pesquisa. Ela é feita por um professor pesquisador ou por um pesquisador em colaboração com um ou mais professores, visando compreender e melhorar um ambiente educacional. A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica, concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou a resolução de um problema

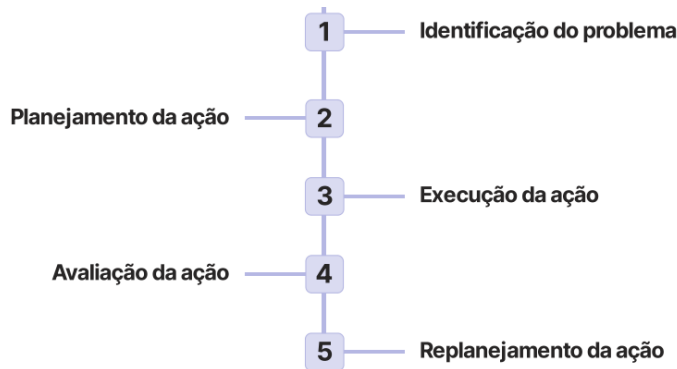
coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. Dentro da Linguística Aplicada é participativa, pois os pesquisados, em conjunto com o pesquisador, são os produtores diretos do conhecimento.

Para Paiva (2019), a pesquisa-ação é uma metodologia que envolve a participação ativa dos pesquisadores e dos participantes na solução de problemas práticos, com base em uma abordagem crítica e reflexiva. As etapas de elaboração de um pesquisa-ação, de acordo com a autora, podem variar conforme o contexto e o objetivo da pesquisa, mas, de forma geral, podem ser resumidas em:

- Identificação do problema: O pesquisador deve reconhecer e definir o problema que deseja investigar e solucionar, com base em sua experiência, observação ou literatura.
- Planejamento da ação: O pesquisador deve elaborar um plano de ação que contemple os objetivos, as estratégias, os recursos e os critérios de avaliação da intervenção que será realizada.
- Execução da ação: O pesquisador deve implementar o plano de ação, envolvendo os participantes da pesquisa e coletando dados sobre o processo e os resultados da intervenção.
- Avaliação da ação: O pesquisador deve analisar os dados coletados, comparando-os com os objetivos e os critérios estabelecidos no plano de ação, identificando os pontos positivos e negativos da intervenção e refletir sobre as implicações teóricas e práticas da intervenção, considerando as limitações, as contribuições e as possibilidades de melhoria da pesquisa.
- Replanejamento da ação: O pesquisador deve revisar e ajustar o plano de ação, com base na avaliação e na reflexão realizadas, e iniciar um novo ciclo de pesquisa-ação.

A Figura 10, a seguir, foi produzida no intuito de melhor ilustrar as etapas de elaboração deste tipo de pesquisa:

Figura 10 - Etapas de elaboração da pesquisa-ação



Fonte: Próprio autor (2023).

A figura anterior propõe as etapas de uma pesquisa-ação que visa retornar à sala de aula com novas propostas e reflexões. Além disso, o estudo possui um caráter participativo, uma vez que os participantes são convidados (professores) a responder uma entrevista, sendo estimulados a analisar suas práticas em conjunto com o pesquisador, que também faz parte do processo. Fato que se complementa com o produto proposto: um website essencialmente elaborado para o docente preparar suas aulas, que provavelmente notará a potencialidade de suas aulas crescer, ao mesmo tempo repensar seus métodos e se estimular a replanejar seus procedimentos.

O presente trabalho tem como proposta uma pesquisa-ação, descrita por Paiva (2019), que visa analisar o uso pedagógico dos STs pelos docentes. Para isso, será apresentada, um pouco mais adiante, dentro do item (3.3 Sob a ótica dos professores) as questões da entrevista.

É importante observar que estas questões surgem a partir de duas grandes dúvidas: como os professores de uma escola pública estadual (CEEP) percebem o uso dos STs pelos alunos no contexto educacional? Quais são as dificuldades enfrentadas pelos docentes nessa prática?

3.1 Descrição e caracterização dos sujeitos da pesquisa

Por questões éticas, no decorrer deste texto irei chamar os professores entrevistados de Alexa, Matrix e Magalu.

Como a pesquisa foi realizada em um ambiente escolar e o objeto de estudo foi essencialmente o ST como tecnologia pedagógica, que se desdobra nos LDs nas aulas de inglês, os sujeitos participantes são três professores de inglês (em razão da pesquisa ser realizada dentro de uma unidade escolar que atualmente tem essa quantidade de professores que

ministraram ou ministraram aulas de Inglês durante os últimos cinco anos) da referida unidade escolar (Centro Estadual de Educação Profissional em Saúde e Gestão).

O Quadro 4, seguinte, apresenta informações a respeito do perfil dos docentes participantes desta investigação.

Quadro 4 - Perfil dos professores entrevistados

Meu perfil	Perfil do professor Alexa	Perfil do professor Matrix	Perfil do professor Magalu
			
Sexo - masculino	Sexo - feminino	Sexo - masculino	Sexo - feminino
Idade – 47 anos	Idade – 40 anos	Idade – 46 anos	Idade – 50 anos
Ensina Inglês há 15 anos	Ensina Inglês há 25 anos	Ensina Inglês há 24 anos	Ensina Inglês há 1 ano (Ensinau Português nos anos anteriores)
Formação – Letras/Inglês	Formação – Letras/Inglês	Formação – Letras/Inglês	Formação Letras/Inglês – Pós-graduação
Mestrando	doutorado	doutorado	Tem Curso de Formação
Tem Curso de Formação	Tem Curso de Formação	Tem Curso de Formação	Tem Curso de Formação
Continuada em Tecnologias – sim	em Tecnologias - sim	em Tecnologias - sim	Continuada em Tecnologias - sim
É professor concursado no CEEP - sim	É professor concursado no CEEP - sim	É professor concursado no CEEP - sim	É professor concursado no CEEP - sim

Fonte: Próprio autor (2023).

Observação: No item “Formação continuada em tecnologias”, todos responderam sim, visto que os docentes entrevistados, inclusive eu, nos referimos ao curso a distância, ofertado pela Secretaria de Educação do estado da Bahia, nos anos de 2017 e 2018, intitulado: Uso Pedagógico de Tecnologias Educacionais (e-nova)¹⁷, uma plataforma do *G-Suite* para Educação em parceria com o *Google*. O que devemos refletir é porque, apesar da iniciativa ser relevante, o projeto foi descontinuado.

¹⁷ Disponível em: <https://sites.enova.educacao.ba.gov.br/entenda-o-projeto>

Uma vez que a entrevista semiestruturada foi realizada através do *Google* formulário, os riscos se tornaram quase inexistentes, além de que os participantes tiveram a oportunidade de refletir sobre os temas abordados nas perguntas, possivelmente refazendo sua metodologia de ensino.

3.2 Resultados e discussão de dados

A pesquisa foi realizada entre os três professores de inglês do CEEP. Fiz o processo de convencimento para participação, via WhatsApp, e todos contribuíram com satisfação.

Pelo fato de a entrevista ser um processo de interação social os dados são de natureza social, e isso precisa ser levado em conta na interpretação dos resultados. Dessa forma, um dos primeiros passos pode ser a adequação dos roteiros como forma de o pesquisador se preparar, organizar e tomar ciência do processo de coleta de informações. Esse processo de análise do roteiro seria uma forma de o pesquisador interagir, simbolicamente, com um produto seu, ou seja, o roteiro, frente a uma interação que ainda não ocorreu, mas que nesse processo de análise estaria se preparando para a situação real da coleta de informações por meio da entrevista semiestruturada (Manzini, 2003, p. 9).

A entrevista semiestruturada padronizada procura assegurar um ambiente amistoso e um clima descontraído, ao passo que mantém as perguntas bem definidas e organizadas. E mesmo virtualmente, preza por um clima cordial, para um possível retorno de novas perguntas. Embora a modalidade da pesquisa seja claramente a pesquisa-ação, ela ligeiramente dialoga com a fenomenologia, na medida em que investiga/explica as causas de um fenômeno social.

Numa linha teórica fenomenológica, o objetivo seria o de atingir o máximo de clareza nas descrições dos fenômenos sociais. Assim, as perguntas descritivas teriam grande importância para a descoberta dos significados dos comportamentos das pessoas de determinados meios culturais. Numa linha histórico-cultural (dialética), as perguntas poderiam ser designadas como explicativas ou causais. O objetivo desse tipo de pergunta seria determinar razões imediatas ou mediatas do fenômeno social (Manzini, 2003, p. 69-88).

O processo de coleta de respostas foi feito via *Google Forms*, e os links foram enviados pelo próprio WhatsApp para professores, de modo que as perguntas são apresentadas nos Apêndices A desta pesquisa.

É importante relatar que o projeto inicial desta dissertação foi devidamente aprovado pelo comitê de ética¹⁸.

Em razão da comodidade e popularização do WhatsApp, foi necessário pensar em como a entrevista se daria em meio virtual, ou seja, a escolha da plataforma, a solicitação de seus contatos WhatsApp, o envio dos links aos selecionados e os professores colegas com disponibilidade. Com esse planejamento em mãos, entrei em contato com os participantes e enviei os formulários. Todos aceitaram e se mostraram disponíveis. As entrevistas ocorreram de modo satisfatório.

3.3 O uso do ST em sala de aula sob a ótica dos professores

Para participar da pesquisa, os professores deveriam responder aos três primeiros itens que solicitavam dados de identificação, tais como e-mail, telefone e instituição de trabalho. Após essa etapa, a entrevista apresenta 22 perguntas referentes ao uso dos STs no contexto escolar.

Como professor pesquisador, atuando na modalidade pesquisa-ação, encontro-me na posição de igualdade com os meus convidados colegas de entrevista, e concedo, também, a minha contribuição e percepções sobre o uso do ST no meu cotidiano escolar:

Diversas finalidades me levam a usar o ST sempre em meu dia a dia, de 3 a 5 horas diárias. Com este dispositivo, eu faço pesquisas em geral, busco textos, músicas para as aulas, e me divirto nas redes sociais. Gostaria de aprender mais sobre as funcionalidades do ST pedagogicamente suportado pelo LD, pois, a meu ver, a escola não incentiva o uso de tecnologias em sala de aula. No entanto, acredito que é totalmente viável fazer trabalhos que envolvam os STs nas aulas, pois já tive várias experiências exitosas, como por exemplo trabalho com aplicativos de música. O ponto negativo é a internet precária, que, muitas vezes, dificulta o acesso aos conteúdos e aos recursos on-line. Há 5 anos, participei de um curso ofertado pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia, direcionado ao *Google Suite*, que me ajudou a conhecer melhor algumas possibilidades de uso das tecnologias digitais na educação. Vez ou outra, tenho problemas com dispersão, falta de interesse de alguns alunos, problemas técnicos com os aparelhos, mas nada que me desencoraje. O que há de mais positivo, na minha opinião, em usar estes dispositivos, é a facilidade de manuseio, interação, portabilidade, e sensação de pertencimento com os adolescentes por causa dos aparelhos. O principal desafio que observo, para mim, é a falta de engajamento e de preparação teórica e prática em relação ao LD de professores e alunos. Considero que a escola deve ser o lócus para

¹⁸ Número do processo no comitê de ética da Plataforma Brasil, CAAE: 57272822.6.0000.0057. Disponível em: <https://plataformabrasil.saude.gov.br/visao/pesquisador/gerirPesquisa/gerirPesquisaAgrupador.jsf>. Acesso em: 26 out. 2023.

conscientização e debate do LD, pois é uma competência fundamental para o século XXI.

Minha postura como educador procura se inspirar nas ideias de Moran e Paulo Freire, dois educadores que defendem uma educação transformadora, crítica e participativa. Moran é um pesquisador que sempre acreditou em uma educação inovadora, criativa e participativa, que valoriza a interação entre professores e alunos. Ele defende a união das metodologias ativas e as tecnologias digitais, como formas de potencializar a aprendizagem e o desenvolvimento dos sujeitos. Eu trabalho me apoiando nos conceitos de Moran, porque acredito que a educação deve acompanhar as mudanças sociais e culturais, e que as tecnologias podem ser incorporadas para tornar a educação mais significativa, motivadora e interessante. Eu também me oriento na perspectiva de Paulo Freire porque acredito que a educação deve ser um ato político e ético, que promove a cidadania, a democracia e a justiça social. Paulo Freire é um educador que enfatiza a consciência do papel do professor, como um mediador e um facilitador da aprendizagem, que dialoga com os alunos e os ajuda a construir o seu próprio conhecimento. Ele defende uma educação emancipadora, que busca a libertação dos oprimidos e a transformação da sociedade. Ele propõe uma pedagogia da problematização, que parte da realidade e dos interesses dos alunos, e que os leva a questionar, a refletir e a agir sobre o mundo.

A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas padronizadas, que objetivaram manter uma conversa amistosa. Todos os professores participantes se disponibilizaram prontamente em dar respostas, demonstrando interesse e abertura para o tema. De acordo com Manzini,

[...] a entrevista semi-estruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. Complementa o autor, afirmando que a entrevista semi-estruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (Triviños, 1987, p. 152 apud Manzini, 2003, p. 69-88).

Os participantes reagiram de forma muito positiva e proativa, mostrando-se motivados, e se posicionando criticamente, revelando que desejam uma possível mudança de postura na sua prática.

Reforço aqui que, neste contexto, tendo apenas 4 professores (3 entrevistados) e eu que atualmente ensinam Inglês nesta unidade escolar, a investigação se deu em âmbito do ambiente CEEP e aqui se investigam as percepções do atual quadro de professores dessa instituição. Optei por fazer recortes para melhor compreensão e melhor aproveitamento das ideias, analisando, de forma mais ampla e detalhada, os relatos mais ricos, delimitando e separando por subtópicos

que serão norteadores por uma pergunta ou grupo de perguntas escolhido. Algumas vezes, as repostas serão discutidas abrangendo respostas individuais e, outras vezes, a discussão acontecerá por grupos de respostas que dividem a mesma opinião, para melhor fluidez e abrangência e evitar repetição desnecessária, observando o entrelace e a coerência de ideias a serem estabelecidas pelo problema da pesquisa e objetivos. Neste cenário, pretendo guiar o leitor na seguinte ordem de percurso:

- Objetivo do grupo de perguntas;
- Pergunta;
- Descrição;
- Discussão.

O conjunto, na íntegra de todas as perguntas e respostas, encontra-se fixado no Apêndice B desta dissertação.

Como já era esperado, 100% dos participantes responderam, na pergunta 1, que utilizam os STs em seu cotidiano. Na questão 2, todos relataram que gastam de 2 a 5 horas por dia utilizando seus dispositivos.

Apresento, a seguir, o *Perfil dos participantes em relação ao uso dos STs no cotidiano* (Grupo de perguntas 3 e 4).

O objetivo deste grupo de questões é identificar o perfil dos participantes que usam os STs no cotidiano, levando em conta as seguintes questões: quais são as atividades que eles realizam com esses dispositivos, como eles se comunicam, se informam, se divertem, trabalham e estudam por meio deles; com que frequência eles usam os STs, se eles os usam todos os dias, várias vezes ao dia, por quanto tempo, em quais momentos e lugares; e qual é o grau de LD que eles possuem, e se usam as tecnologias digitais de forma crítica, criativa e ética, além que evidenciar quais são as facilidades e as dificuldades que encontram, e quais são os benefícios e os riscos que eles percebem.

Pergunta 3 - Para que você utiliza seu ST?

(Alexa) “Utilizo para as mais diversas finalidades, como, por exemplo, acessar e-mails, redes sociais, para me comunicar com pessoas e grupos por meio do WhatsApp, para fazer pesquisas rápidas no Google, para utilizar aplicativos que facilitam a vida diária e profissional, etc.”

(Matrix) “Utilizo o meu ST muitas vezes para leitura de textos, artigos, livros de minha área de interesse. Também utilizo para acessar as redes sociais e algumas vezes para lazer, a exemplo, jogos de memória.”

(Magalu) “Para conversar com pessoas, manter atualizada, fazer compras, em sala de aula etc...”

Alexa usa o ST para as mais diversas finalidades, tanto pessoais quanto profissionais, como acessar e-mails, redes sociais, WhatsApp, Google, aplicativos que facilitam a vida diária e profissional, etc. Matrix usa o ST muitas vezes para leitura de textos, artigos e livros de sua área de interesse. Ele também utiliza para acessar as redes sociais e, algumas vezes, para lazer, a exemplo, jogos de memória. Magalu usa o ST para conversar com pessoas, manter-se atualizada, fazer compras e em sala de aula.

É importante ressaltar que apenas Alexa, na pergunta 3 (*Para que você utiliza seu ST?*), mencionou que utiliza o seu dispositivo indiretamente a favor de suas aulas, quando expressa: “*para fazer pesquisas rápidas no Google, para utilizar aplicativos que facilitam a vida diária e profissional, etc.*”. Isso mostra que os STs podem ser usados como uma fonte de conhecimento e aprendizagem, além de entretenimento e lazer. Nenhum dos entrevistados mencionou usar o dispositivo para aplicação como recurso pedagógico atrelado ao LD, pelo menos de forma direta.

Dito isso, a partir desse ponto faz-se necessário revisitar as diretrizes do LD. Para Lima Neto e Carvalho (2022), o conceito de LD não é fixo e está em constante mudança, pois é uma área ampla e complexa; ademais, pesquisas recentes têm avançado na compreensão do termo, considerando não apenas as dimensões técnica e cognitiva, mas também a dimensão socioemocional. Alguns pesquisadores definem LD como as habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, organizar, compartilhar e criar sentido com eficácia nas várias formas de comunicação digital. Outros autores ressaltam a importância de considerar as práticas em que os indivíduos se envolvem, utilizando suas habilidades de acordo com o contexto digital em que estão inseridos (Lima Neto; Carvalho, 2022).

Desse modo, o LD é um conceito amplo e multifacetado, que envolve não apenas a habilidade de utilizar instrumentos e conteúdos digitais, mas também a capacidade de comunicar, colaborar, criar e criticar em ambientes digitais. O LD também é influenciado pelo contexto e pelo propósito dos indivíduos que participam dessas práticas e, por isso, requer uma formação contínua e reflexiva por parte dos docentes e dos estudantes.

Ainda sobre a questão 3 é interessante observar que os STs se tornaram uma ferramenta indispensável para muitas pessoas que os utilizam para diversas finalidades. Todos os três entrevistados demonstram que usam seus STs cotidianamente e isso corresponde ao que Santaella (2014) define como comunicação ubíqua, que existe em toda parte, onipresente, em

que ela qualifica fenômenos presentes do cotidiano, conceito claramente aplicado no caso dos STs por exemplo. Somando-se a esse raciocínio, Castells (2020) afirma que não haverá volta, o “novo normal” não será o que conhecíamos. E nesta analogia os aplicativos ocupam um papel de ligação entre a realidade virtual e a realidade física, funcionando como canais que conectam indivíduos e grupos, facilitando o acesso e a produção de conteúdo; além de oferecem serviços e soluções, estimulam a criatividade e a inovação, bem como promovem participação e colaboração. Será a digitalização de toda organização social e econômica, e se tornará uma estrutura permanente para a conexão em todas as circunstâncias.

Pergunta 4 - Há alguma coisa que, mesmo sabendo que é possível, você não faz pelo ST?

(Alexa) “Eu não costumo utilizar o ST para a leitura de textos e participação em lives. Nesses casos, em especial, eu prefiro utilizar o computador ou notebook...”

(Matrix) “Sim, fazer do ST uma ferramenta pedagógica.”

(Magalu) “Sim, gostaria de aprender a editar fotos.”

Alexa é uma usuária que prefere o conforto e a praticidade do computador ou notebook para realizar tarefas que exigem mais atenção e interação, como a leitura de textos e a participação em lives. Matrix é um usuário que reconhece o potencial do ST como uma ferramenta pedagógica. Magalu, por sua vez, é uma usuária que tem interesse em aprender a editar fotos pelo ST, mas que ainda não sabe como fazer isso.

Na pergunta 4 (*Há alguma coisa que, mesmo sabendo que é possível, você não faz pelo ST?*), o professor Matrix foi categórico, ao responder: “*Sim, fazer do ST uma ferramenta pedagógica*”. A resposta do professor Matrix à pergunta 4 apresenta indicativos de que ele não está satisfeito com o não uso pedagógico dos STs no ambiente educacional de que ele participa. O docente sugere que tem o desejo de mudar essa realidade e de aproveitar as potencialidades desses dispositivos para fins educacionais. Matrix também parece demonstrar que atingiu a intenção da pergunta, que era de provocar uma reflexão sobre as possibilidades e os limites dos STs na sala de aula.

Esta afirmação é suportada pela declaração de Nagumo (2014, p. 24) ao citar Sibilia (2012): “Enquanto os alunos de hoje convivem com diversos dispositivos eletrônicos e digitais, a escola continua obstinadamente arraigada em seus métodos e linguagens analógicas; isso talvez explique por que os dois não se entendem e as coisas já não funcionam como se esperaria”. E Nagumo (2014) ainda destaca que a educação contemporânea enfrenta o desafio de incorporar os recursos como STs, que são cada vez mais importantes e presentes na vida dos

estudantes. Esses recursos podem apoiar o processo de aprendizagem, pois permitem o acesso a informações, a comunicação, a produção e o compartilhamento de conteúdo, entre outras possibilidades.

Ainda sobre a questão 4, dentro das respostas de Matrix e Magalu, é possível observar que apresentam indícios da falta de LD, e esta ocorrência vai no caminho oposto ao que Aureliano e Queiros (2023), baseados em Silva (2019), destacam; dessa maneira, a formação e a práxis pedagógica são fundamentadas na prática da reflexão, que envolve criticidade, pesquisa, aperfeiçoamento e adaptação. Nesse processo de busca, o educador se depara com inúmeras necessidades na ação educativa, que exigem o uso das tecnologias digitais em sala de aula, como resposta às demandas educacionais dos estudantes. Assim, o educador precisa pensar e intervir sobre a sua ação pedagógica, considerando que a formação docente é um “continuum” que está em constante construção. Além disso, o mundo globalizado demanda um professor reflexivo, que esteja preparado para lidar com as exigências do contexto educacional de ensino, onde o uso das novas tecnologias é evidente (Silva, 2019).

Quanto ao *Uso de STs para fins pedagógicos no espaço escolar* (pergunta 11), o objetivo desta questão é identificar as opiniões dos docentes sobre o uso dos STs na escola, avaliando se eles julgam possível e vantajoso o uso desses dispositivos no espaço escolar, se eles têm experiências de uso dos STs em sala de aula, e principalmente se eles consideram que a instituição deve promover o debate sobre o uso dos STs para fins pedagógicos, visando à melhoria da qualidade da educação.

Pergunta 11 - Na sua opinião, é papel da instituição propor o debate a respeito do uso dos STs para fins pedagógicos e por quê?

(Alexa) “Creio que esse debate se faz necessário porque, em geral, os STs estão presentes na vida cotidiana dos alunos e existem diversas formas de integrá-los à vida escolar. O papel das instituições de ensino é primordial no sentido de disponibilizar internet de qualidade para atender à demanda nas salas de aula e incentivar o uso desses aparelhos nas aulas de forma consciente e eficaz, apresentando aos alunos e professores as diversas possibilidades de uso para fins pedagógicos.”

(Matrix) “Sim, uma vez que vivemos em um mundo globalizado altamente tecnologizado, para se tornar cidadão do mundo é fundamental o desenvolvimento da competência digital.”

(Magalu) “Sim, pois acredito que a escola foi o lugar em que o impacto dos STs foi maior.”

Alexa defende que o debate sobre o uso dos STs é necessário, pois eles fazem parte da vida cotidiana dos discentes e podem ser integrados à vida escolar de diversas formas. Ela

destaca o papel das instituições de ensino em fornecer internet de qualidade e incentivar o uso consciente e eficaz dos STs nas aulas, mostrando as possibilidades de uso para fins pedagógicos. Matrix concorda com o uso dos STs na escola, mas com uma justificativa mais ampla e global. Ele afirma que, em um mundo globalizado e “*tecnologizado*”, é fundamental o desenvolvimento da competência digital, ou seja, a capacidade de usar as tecnologias digitais de forma crítica, criativa e ética. Magalu também concorda com o uso dos STs na escola, mas com uma justificativa mais específica e resumida. Ela acredita que a escola é o lugar em que o impacto dos STs é maior, e que os STs provocaram mudanças significativas na forma de ensinar e aprender.

À pergunta 11 (*Na sua opinião, é papel da instituição propor o debate a respeito do uso dos STs para fins pedagógicos e por quê?*), Magalu respondeu: “*Sim, pois acredito que a escola foi o lugar em que o impacto dos STs foi maior*”. E essa declaração reflete como ela se mostra impactada com a invasão e domínio destes dispositivos no ambiente escolar, o que corresponde à assertiva de Baptista (2014), isto é, os estudantes que nasceram imersos em um mundo digital são “falantes nativos” da língua desse mundo, por consequência os professores, considerados “imigrantes digitais”, se veem ensinando outra língua para seus alunos, os “nativos digitais”, esses tem novos paradigmas tecnológicos como uma extensão de seus corpos e mentes. Ainda sobre isso, Prensky (2001) destaca que essa diferença entre os nativos digitais e os imigrantes digitais representa desafios e oportunidades na área da educação. Os educadores devem reconhecer as peculiaridades e necessidades dos alunos nativos digitais, que são caracterizados pela agilidade, capacidade de trabalhar com múltiplas tarefas, habilidades colaborativas e criativas.

O uso dos STs em sala de aula requer uma mudança de paradigma, de postura e de prática dos professores, que precisam se atualizar, se capacitar e se adaptar às novas demandas e possibilidades da educação na era digital.

Todos os entrevistados indicaram que a escola deve promover a formação contínua em direção ao LD, e isso corresponde ao que a Unesco (2014) preconiza quanto ao treinamento dos professores para saber usar de forma hábil os dispositivos móveis; a organização defende que o investimento em treinamento é mais importante do que o investimento na própria tecnologia, em razão de que sem preparação os professores acabam usando uma nova tecnologia com uma alma antiga. Ou seja, apenas atualizam seus recursos tecnológicos com conceitos que usavam sem o uso da tecnologia, quando poderiam se apoderar dessa tecnologia para melhorar suas aulas substancialmente. E para reforçar essa ideia, a declaração de Santos, Soares e Boa Sorte (2020, p. 274) segue com as seguintes palavras:

Por outro lado, para que o professor consiga empreender reflexões acerca de práticas de letramentos digitais, os programas de formação contínua precisam acontecer. Além disso, não basta que sejam desenvolvidas atividades de capacitação; essas atividades precisam estar sintonizadas com as discussões recentes e revisadas sobre os usos de tecnologias e as práticas de letramentos digitais. Boa Sorte (2017) afirma que os professores precisam ser encorajados a participar desses cursos de formação. A carga horária extensa de trabalho e os dias em que as atividades de formação são oferecidas podem ser empecilhos para a participação dos docentes.

É importante que haja essa discussão nas escolas, nos fóruns competentes, para que haja a atualização dos docentes, especificamente em relação ao LD. Os professores precisam conhecer e explorar as potencialidades dos STs como ferramenta pedagógica, mas também estar atentos aos riscos e às limitações dessa tecnologia, devem ser motivados a fazer essas aulas de atualização, entretanto eles podem ter dificuldades por causa da falta de tempo e da agenda dos cursos. O docente precisa refletir sobre como usar as tecnologias digitais para ensinar melhor, mas, para isso, ele precisa de cursos de formação que estejam atualizados com as novidades e as pesquisas nessa área.

Sobre as *Experiências relacionadas ao uso dos STs como ferramenta pedagógica* (Grupo questões 14 e 15), o objetivo destas duas perguntas é verificar que tipos de experiências os professores já tiveram com o uso dos STs como ferramenta pedagógica, analisando as suas trajetórias profissionais e o seu nível de formação sobre o uso de tecnologias em sala de aula, e comparando as experiências positivas e negativas dos professores que se debruçam academicamente sobre o assunto com as dos que não se debruçam.

Pergunta 14 - Fale um pouco sobre a sua experiência com esse tipo de tecnologia em sala de aula.

(Alexa) “Sempre busco integrar as novas tecnologias em minhas aulas. Procuo me manter informada e atenta com relação às diferentes tecnologias e ferramentas digitais com potencial de beneficiar o aprendizado dos meus alunos. É notável o engajamento e participação dos alunos quando integro as novas tecnologias digitais de alguma maneira em minhas aulas e também quando eu proponho atividades que incorporem os diferentes gêneros da cultura digital.”

(Matrix) “Os cursos que eu fiz foram voltados mais para a parte teórica, relacionados ao gerenciamento de plataformas, como, por exemplo, o google sala de aula, o teams, etc. Não me recordo de ter estudado questões específicas de aplicação de tecnologia vinculada a prática pedagógica visando o desenvolvimento da competência digital dos agentes que fazem parte do processo de ensino e aprendizagem de línguas.”

(Magalu) “Está sendo bem desafiador, pois, às vezes, os alunos sabem mais do que o professor.”

Alexa mostra uma postura proativa e atualizada, buscando integrar as novas tecnologias e recursos digitais em suas aulas, e observando os benefícios que elas trazem para o aprendizado e a participação dos alunos. A professora também propõe atividades que envolvem as diferentes variações da cultura digital, ampliando o repertório e a diversidade dos alunos. Matrix mostra uma postura mais passiva e limitada, focando apenas na parte teórica e no gerenciamento de plataformas, sem se aprofundar nas questões de prática pedagógica. Magalu mostra uma postura mais reativa e se sentiu provocada, reconhecendo que os discentes sabem mais do que o professor em relação às novas tecnologias, e que isso gera uma situação de desconforto e insegurança para o professor.

É importante ressaltar que, Alexa parece estar à frente dos seus colegas professores ao responder à questão: *“Fale um pouco sobre a sua experiência com esse tipo de tecnologia em sala de aula”* Conforme sua resposta: *“Sempre busco integrar as novas tecnologias em minhas aulas. Procuo me manter informada e atenta com relação às diferentes tecnologias e ferramentas digitais com potencial de beneficiar o aprendizado dos meus alunos. E acrescenta: É notável o engajamento e participação dos alunos quando integro as novas tecnologias digitais de alguma maneira em minhas aulas e também quando eu proponho atividades que incorporem os diferentes gêneros da cultura digital”*. Aqui, destaco o trecho em que ela aborda o notável engajamento e participação dos alunos, porquanto sua resposta se conecta com as metodologias ativas, preconizadas por Moran (2016), pois ele destaca a combinação das metodologias ativas e a competências digitais, determinando que essa junção é rica e dinâmica em todos os processos, que atrai o interesse dos estudantes e movimenta a escola.

A integração entre as metodologias ativas e as habilidades digitais é eficaz, agiliza todos os procedimentos, desperta o interesse dos estudantes e engaja a escola. O blog Saraiva e Educação (2021) complementa que o emprego de tecnologias digitais em metodologias ativas visa estimular o estudante a assumir um papel ativo na sua própria aprendizagem, desenvolvendo habilidades como autonomia, responsabilidade, iniciativa, trabalho em equipe e independência. Essas abordagens também incentivam o estudante a enfrentar problemas reais, o que permite aprimorar suas competências e desenvolver o pensamento crítico. Esse tipo de metodologia contribui para o crescimento cognitivo e socioemocional do aluno, dando-lhe mais confiança para lidar com desafios, tanto na escola quanto na vida.

Ao unir as metodologias ativas, que incentivam a participação ativa dos alunos, com o LD, que envolve o desenvolvimento de habilidades de leitura, escrita e uso crítico das

tecnologias, os educadores podem criar um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e relevante.

Nesse contexto, os alunos não apenas adquirem conhecimento, mas também desenvolvem competências essenciais para a era digital, como a capacidade de buscar, avaliar e utilizar informações de forma crítica e criativa. Essa integração prepara os alunos para enfrentar os desafios de um mundo cada vez mais digitalizado, ao mesmo tempo em que os capacita a serem participantes ativos e responsáveis pelo seu próprio processo de aprendizagem (Moraes; Lima; Formiga, 2021).

Pergunta 15 - Você já propôs alguma atividade com o uso dos STs que tenha obtido sucesso? A que você atribui esse sucesso? Fale um pouco sobre essa experiência.

(Alexa) “As experiências com o uso dos STs em minhas aulas têm sido, na maioria das vezes, bem positivas. As ferramentas digitais e diferentes aplicativos educacionais que podem ser utilizados pelos alunos em seus STs contribuem com o desenvolvimento de atividades que promovem momentos de interação e descontração, o que mantém os alunos mais motivados e dispostos para a aprendizagem.”

(Matrix) “Infelizmente, nunca propus uma atividade com o uso de STs.”

(Magalu) “Sim, o sucesso foi graças a facilidade e atrativo que as redes têm.”

Alexa relata que as experiências com o uso dos STs em suas aulas têm sido bem positivas, pois os recursos digitais e os aplicativos educacionais que podem ser usados pelos alunos em seus STs contribuem para o desenvolvimento de atividades que promovem interação e descontração, e que mantêm os alunos motivados e dispostos para a aprendizagem. Ela mostra que sabe aproveitar as potencialidades destes dispositivos para fins pedagógicos, e que reconhece os benefícios que eles trazem para o processo de ensino e aprendizagem. Matrix revela que nunca propôs uma atividade com o uso de STs, o que indica uma falta de experiência e de iniciativa com o uso desses dispositivos em suas aulas. Ele não explica o motivo pelo qual ele nunca propôs uma atividade com o uso de STs, mas pode-se inferir que ele possui alguma dificuldade ou resistência em relação ao uso deles na educação. Magalu afirma que o sucesso foi graças à facilidade e a sedução que as redes têm, o que sugere que a docente, em algum momento, já propôs alguma atividade com o uso de STs que envolveu as redes sociais, e que teve um bom resultado.

Na questão 15 (*Você já propôs alguma atividade com o uso dos STs que tenha obtido sucesso? A que você atribui esse sucesso? Fale um pouco sobre essa experiência*), Alexa comenta: “*As experiências com o uso dos STs em minhas aulas têm sido, na maioria das vezes,*

bem positivas. As ferramentas digitais e diferentes aplicativos educacionais que podem ser utilizados pelos alunos em seus STs contribuem com o desenvolvimento de atividades que promovem momentos de interação e descontração, o que mantêm os alunos mais motivados e dispostos para a aprendizagem”. Em seu comentário, a entrevistada menciona os efeitos dos instrumentos digitais e diferentes aplicativos educacionais, desdobrando-se na promoção de momentos de interação e motivação, favorecendo para que os estudantes se mantenham descontraídos, determinados e dispostos para a aprendizagem. E isso está de acordo ao que Tumolo (2014) explica ao afirmar que existem quatro elementos para o desenvolvimento de uma LE que podem ser direcionados, individualmente ou associados aos recursos digitais, são eles: componentes da habilidade linguística, interação, integração das quatro habilidades e motivação.

Para falar dos componentes da habilidade linguística, Tumolo (2014, p. 205-206) cita Bachman (1990) e Bachman e Palmer (1996) a fim de discutir os principais elementos da habilidade linguística: Conhecimento Linguístico se refere ao conhecimento das regras gramaticais e dos usos da língua, que permite a um falante reconhecer, produzir e compreender frases gramaticalmente corretas e apropriadas ao contexto de comunicação.

Conhecimento organizacional é uma parte do conhecimento linguístico que envolve o domínio da estrutura e organização da língua. Isso inclui o vocabulário, morfologia, sintaxe, fonologia, coesão e organização retórica, todos elementos essenciais para a compreensão e uso da língua.

Conhecimento pragmático é a outra parte do conhecimento linguístico que envolve a capacidade de entender e utilizar a língua de acordo com o significado e a função da linguagem em diferentes contextos. Isso inclui a habilidade de usar a linguagem para expressar ideias, sentimentos, pedidos, sugestões e outros conteúdos de forma apropriada para a situação e a intenção de quem fala.

Competência estratégica é a habilidade de usar estratégias para superar dificuldades de comunicação e alcançar os objetivos de uma interação. Isso envolve averiguar, planejar e executar as melhores ações para atingir um propósito comunicativo, mesmo quando há lacunas na competência linguística.

A interação é fundamental para o ensino de línguas estrangeiras, pois permite que os alunos pratiquem suas habilidades em situações reais de comunicação. Existem dois tipos de interação: com conteúdo e com falantes (interlocutor com maior conhecimento linguístico da língua-alvo). A interação com conteúdo pode ser feita através de material didático ou de outras formas de informação. Já a interação com falantes permite aos alunos praticarem a língua com

peessoas que a dominem. O autor ainda reforça que o feedback é uma ferramenta importante durante a interação, pois ajuda os alunos a identificarem e corrigirem erros na sua produção linguística (Tumolo, 2014).

Embora útil para o ensino de LE, a separação das habilidades (ouvir, falar, ler e escrever) é artificial, já que o uso autêntico da língua envolve integração. Assim, a competência comunicativa deve ser desenvolvida por meio da integração das habilidades. O desenvolvimento de uma tarefa implica o trabalho colaborativo, com outros aprendizes, que requer comunicação na língua-alvo. Pela abordagem por conteúdo (content-based approach) o aprendiz é exposto a conteúdos como ecologia, ciências, conhecimento geral, e pode estabelecer comunicação, na língua-alvo, com seus pares sobre os temas trabalhados, desenvolvendo, assim, a integralização das habilidades linguísticas. Para complementar, Tumolo (2014) recorre a Oxford (2021) no intuito de descrever as vantagens em integrar as habilidades: a) expor o aprendiz à língua autêntica; b) permitir uma interação natural, envolvendo a complexidade do uso de língua para comunicação; c) promover a aprendizagem de conteúdo real; d) permitir ao professor a avaliação do progresso dos alunos nas habilidades múltiplas; e) tornar a língua o meio real de interação e compartilhamento entre as pessoas; e f) motivar aprendizes de todas as idades e experiências.

A motivação é um elemento decisivo para o aprendizado de línguas estrangeiras. Ela promove o esforço e o avanço em direção aos objetivos de aprendizado. A motivação é influenciada por um conjunto de fatores, incluindo características pessoais, situações vividas, relações sociais, culturas e estilos de pensamento. A neurociência sugere que a motivação e as emoções estão fortemente ligadas à formação de memórias de longo prazo. Quanto maior a motivação e a emoção envolvidas no processo de aprendizagem, mais fortes as conexões neurais e melhores os resultados (Tumolo, 2014). Esta análise pode ser comprovada também por Fonseca (2016),

Regurgitar conhecimento não basta, lamentavelmente é apenas isto que se reforça em muitas escolas pelo mundo fora, é preciso que a cognição ou o conhecimento a ser processado e analisado desencadeie reações emocionais positivas e influencie decisões e condutas de estudo, que por empatia neurofuncional produzam funções executivas como a: iniciativa, perseverança, esforço, focagem sustentada, determinação, persistência intencional; inibição, flexibilidade, organização, planificação, priorização, metacognição, antecipação, controle, regulação, realização, gestão temporal, monitorização, verificação, etc. Em suma, as emoções precisam fazer parte das experiências de aprendizagem de qualquer aluno ou estudante, pois a sua integração efetiva e eficiente só se opera neurofuncionalmente quando a emoção e a cognição estão em perfeita sintonia (Fonseca, 2016, p. 375).

Nesse sentido, a condução das emoções em uma aula deve ser considerada um aspecto importantíssimo na sua preparação e, portanto, inserir artefatos tecnológicos e digitais provavelmente ajudariam nesse processo de motivação.

Para Gardner (1985, p. 10), o conceito de motivação é a “combinação de esforço e desejo para alcançar o objetivo de aprender a língua e atitudes favoráveis em relação à aprendizagem da língua”. Tumulo (2014) menciona que Gardner (1985) divide a motivação em dois tipos: integrativa, referindo-se ao desejo de se comunicar ou integrar com falantes da língua-alvo; e instrumental, refletindo razões mais funcionais para a aprendizagem da língua-alvo.

Dessa maneira, os recursos digitais podem proporcionar um incentivo para o aprendizado. Através de padrões oferecidos digitalmente como atividades de múltipla escolha; preenchimento de lacunas; gravações de áudio em voz alta; troca de mensagens na língua-alvo, entre outros padrões. Com tudo isso inserido dentro de jogos educativos, aplicativos e redes sociais por exemplo, os aprendizes podem se interessar por assuntos e conteúdos, especialmente os estudantes familiarizados com o mundo digital. Além disso, esses recursos permitem que os estudantes usem diferentes modos de interação e participação, incluindo criar conteúdos próprios que podem ajudar a inspirar os estudantes a alcançarem seus objetivos de aprendizado.

Destaco também, nessa questão, um comentário de Magalu sobre a pergunta 15. Ela comenta: “*Sim, o sucesso foi graças a facilidade e atrativo que as redes têm*”. Sua declaração nos leva a um conceito de “capital social” que equivale ao que Nagumo (2014), com base em Recuero (2012), assevera sobre os benefícios das redes sociais, que são recursos construídos em grupos e que podem ser individualmente apropriados. Portanto, integrar uma rede social é vantajoso para ter acesso a esses recursos. Nagumo (2014), citando Recuero (2009), destaca ainda alguns benefícios que as redes sociais podem proporcionar: a visibilidade, pois quanto maior for a rede de contatos do usuário, maior será a facilidade de obter informações e apoio. A reputação é a impressão qualitativa que os outros atores têm de alguém e está relacionada ao tipo de conteúdo publicado pelo ator social. A popularidade é um valor associado à audiência e pode ser inferido a partir da observação da rede social, e a autoridade é a habilidade de influenciar outros atores na rede. Essas ponderações sobre as redes sociais servem para compreender a dinâmica de como nossos alunos podem se apoderar das redes sociais e nos servem como pontos de reflexão sobre as diversas formas de trabalho na escola, explicando a fala de Magalu de forma clara.

Quanto à *Opinião dos professores em relação ao uso pedagógico dos STs em sala de aula* (Grupo de perguntas 17, 18 e 19), o objetivo destas três questões é verificar o que os professores pensam sobre o uso pedagógico dos STs em sala de aula, explorando as suas

percepções, opiniões e experiências sobre o uso dessa tecnologia na educação, e avaliando se o uso dos STs permite a elaboração de atividades mais enriquecedoras e interessantes para os alunos, que favoreçam a sua aprendizagem e motivação.

Pergunta 17 - Na sua opinião, o que pode ser considerado ponto positivo em uma atividade que utilize os STs como ferramenta pedagógica?

(Alexa) “Na minha opinião, alguns pontos positivos são: a) romper com a metodologia tradicional; b) acessar informações de forma instantânea; c) proporcionar motivação e engajamento por parte dos alunos; d) Promover o desenvolvimento de habilidades digitais; dentre outras.”

(Matrix) “Uma vez que os STs fazem parte da vida das pessoas na atualidade, creio que deve haver várias possibilidades de uso dessa ferramenta em sala de aula. Porém deve ser algo bem direcionado e para isso conhecimento digital é fundamental. Um ensino que apresente possibilidades múltiplas de uso dessa ferramenta (os STs), acredito, pode ser uma ótima alternativa para trazer os alunos de volta ao contexto da sala de aula, uma vez que os diversos aplicativos dinâmicos podem permitir uma melhor absorção dos assuntos propostos.”

(Magalu) “Positivo quando usado adequadamente.”

Alexa destaca alguns pontos positivos do uso dos STs, como a ruptura com a metodologia tradicional, o acesso instantâneo às informações, a motivação e o engajamento dos alunos e o desenvolvimento de habilidades digitais. Matrix defende que os STs fazem parte da vida das pessoas na atualidade, e que devem ser usados em sala de aula de forma bem direcionada e com conhecimento digital. Ele propõe um ensino que apresente possibilidades múltiplas de uso dos STs, e que possa trazer os alunos de volta ao contexto da sala de aula, aproveitando os aplicativos dinâmicos que podem facilitar a aprendizagem. Ele mostra que valoriza a atualidade, a diversidade e a dinamicidade na educação. Magalu afirma que o uso dos STs é positivo quando feito adequadamente, sem especificar o que seria um uso adequado, o que pode ser inferido como dispersão.

Sobre a questão 17 (*Na sua opinião, o que pode ser considerado ponto positivo em uma atividade que utilize os STs como ferramenta pedagógica?*), é interessante notar a disposição de todos os três entrevistados em usar o ST em suas aulas, e isso segue uma tendência evidenciada em uma pesquisa internacional sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação (TIC) na educação. O VII Estudo Global – relatório de resultados de uma pesquisa realizada pela BlinkLearning¹⁹ Brasil com apoio do Ministério da Educação, no qual foram

¹⁹ Disponível em:

https://www.blinklearning.com/portal/news/Estudo+sobre+o+uso+da+tecnologia+na+educa%C3%A7%C3%A3o_4146298_402836802

entrevistados 42.686 professores de 27 estados, divulgado em 25 de abril de 2023, com os seguintes resultados: “Mais de 80% dos professores consideram que o uso de recursos digitais melhora os níveis de motivação dos estudantes e para 46% o telefone ST foi o dispositivo mais utilizado na sala de aula para trabalhos educacionais” (BlinkLearning Brasil, 2023). Esse resultado mostra que a maioria dos docentes brasileiros já percebeu que a tecnologia não é mais entendida como um simples complemento, mas como recurso potencializador do engajamento e satisfação dos alunos.

Por outro lado, nas opiniões de Alexa e Matrix evidencia-se os aspectos positivos que podem ser facilmente reconhecidos como resultado de uma aula planejada, obedecendo rigorosamente aos princípios do *Mobile Learning* preconizados por Stockwell e Hubbard (2013), ou seja, a aprendizagem que usa dispositivos móveis, como STs e tablets. Esses dois autores propõem 10 princípios que devem orientar o planejamento e a avaliação de atividades através do *mobile learning*, que são: portabilidade (deve aproveitar a vantagem de poder ser levado e usado em qualquer lugar), acessibilidade (deve facilitar o acesso aos conteúdos e às interações, de forma rápida e conveniente), conectividade (deve promover a comunicação e a colaboração entre os participantes, por meio de redes sem fio e aplicativos), individualidade (deve respeitar as diferenças e as preferências de cada usuário, permitindo a personalização e a adaptação), contextualidade (deve levar em conta o contexto em que o usuário está inserido, como o local, o tempo, o objetivo e o interesse), interatividade (deve estimular a participação ativa e o engajamento do usuário, por meio de recursos multimídia e feedbacks), autenticidade (deve oferecer conteúdos e atividades que sejam relevantes e significativos para o usuário, relacionados à sua realidade e às suas necessidades), privacidade (deve garantir a segurança e a confidencialidade dos dados e das informações do usuário, evitando o uso indevido ou a exposição indevida), aprendizagem informal (deve reconhecer e valorizar as aprendizagens que ocorrem fora do ambiente formal de ensino, como as que acontecem no cotidiano, no trabalho ou no lazer), aprendizagem ao longo da vida (deve incentivar o desenvolvimento contínuo e permanente do usuário, oferecendo oportunidades de aprendizagem em diferentes momentos e situações) (Stockwell; Hubbard, 2013).

Desse modo, se forem obedecidos esses princípios, os dispositivos móveis serão uma ferramenta potente para transformar os ambientes de aprendizagem em ambientes mais flexíveis, personalizados e colaborativos que farão integração das práticas de LD, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades de comunicação, pesquisa, criação e avaliação de conteúdos multimodais, permitindo aos alunos ampliar o tempo e o espaço de exposição e interação com a língua-alvo.

A questão 17 chama a atenção na seguinte declaração: *Na sua opinião, o que pode ser considerado ponto positivo em uma atividade que utilize os STs como ferramenta pedagógica?* Magalu dá sua opinião de forma direta, quando sinaliza: “*Positivo quando usado adequadamente*”. Nesse caso posso inferir que ela se refere ao problema que corresponde ao que Nagumo (2014) apresentou em sua dissertação, na qual seus dados foram obtidos mediante interações no Twitter por meio de um questionário on-line com 29 respostas adquiridas pelo perfil dos estudantes do ensino fundamental e médio de escolas públicas em 13 estados diferentes. Ele verificou a existência de regulamentos escolares que proibiam o uso dos aparelhos na escola e constatou que o professor define as regras de uso na sala de aula, verificou também que os estudantes costumam transgredir esse regulamento por se sentirem entediados nas aulas, além da necessidade de se comunicarem nas redes sociais. O pesquisador averiguou, ainda, o problema da privacidade, com a disseminação de conteúdo inapropriado, bem como “cola” nas provas, de modo que se torna relevante a escola considerar as questões sociais e culturais dos jovens uma oportunidade para conscientizá-los do uso responsável dos STs, resultando em um ambiente colaborativo e interessante para os alunos.

Desse modo, sua pesquisa evidência que transgressão à conduta escolar é o termo-chave em suas palavras. Os discentes, de modo geral, tendem a exagerar no acesso às redes sociais e jogos e, muitas vezes, ficam dispersos, tornando-se um problema traduzido nos resultados da entrevistada acima, quando usam os STs de forma inadequada.

Pergunta 18 - Que dificuldades podem ser encontradas em uma atividade que envolva o uso de STs em sala de aula?

(Alexa) “Algumas das dificuldades incluem: a) distrações por parte dos alunos; b) falta de orientação adequada para o uso das ferramentas ao longo da aula; c) problemas de conexão à internet, entre outras.”

(Matrix) “A classe social de nossos alunos. Muitos deles são provenientes de classes sociais menos favorecidas.”

(Magalu) “A falta de internet e alguns alunos não têm STs.”

Alexa enumera algumas das dificuldades, que incluem a distração dos alunos, a falta de orientação adequada para o uso dos recursos digitais e os problemas de conexão à internet. Matrix aponta a classe social dos alunos como uma dificuldade, pois muitos deles são provenientes de classes sociais menos favorecidas e podem não ter acesso aos STs ou à internet. Magalu cita a falta de internet e de STs como uma dificuldade.

Todos os docentes entrevistados relatam entraves diários, com diferentes enfoques e abrangências. Esses desafios são comprovados por Moran (2023) nas seguintes palavras:

Desde que a Internet entrou na educação, tenho escrito sobre os cenários da escola no futuro. As tecnologias trariam maior flexibilidade de tempo, de lugar, de formas de aprender. Poderíamos aprender de forma mais criativa, personalizada, colaborativa e com mentoria, tanto estando física juntos como estando conectados. Temos avançado, de forma muito desigual, nesta direção mais flexível, ativa e inclusiva e há um abismo enorme para que todos tenham acesso de todos os recursos disponíveis (Moran, 2023).²⁰

O uso dos STs como ferramenta pedagógica também implica desafios e limitações, que precisam ser superados ou minimizados. Dificuldades de infraestrutura na sala de aula da rede pública estadual podem ser obstáculos, além de dificuldades que se atrelam ao viés econômico-social dos alunos.

Na pergunta 18: *Que dificuldades podem ser encontradas em uma atividade que envolva o uso de STs em sala de aula?*, Matrix opina criticando: “A classe social de nossos alunos. Muitos deles são provenientes de classes sociais menos favorecidas”. Este fato corresponde ao que Santos (2003, p. 37) afirma a respeito da “[...] competitividade, sugerida pela produção e pelo consumo, é a fonte de novos totalitarismos, mais facilmente aceitos graças à confusão dos espíritos que se instala”. Nesse comentário, Santos (2003) expõe o viés de exclusão social, evidenciando as relações de poder que estão inseridas dentro de todas as classes sociais do Brasil, e mais especificamente nesse contexto de acesso às tecnologias.

Para Franca e Furlin (2023), apesar do número de usuários ter crescido de forma rápida, a “barreira digital” entre conectados e desconectados continua, mostrando que a “exclusão digital” é um problema com desdobramentos econômicos e sociais.

Franca e Furlin (2023) citam Neves (2015) para definir o termo exclusão digital e se direcionarem às camadas da sociedade que ficaram distantes do fenômeno da Sociedade da Informação²¹ e do crescimento das redes sociais. Neves (2015) define exclusão social como um estado no qual um indivíduo é privado de utilizar as tecnologias digitais, pela falta de dispositivos ou pela falta de conhecimento. Franca e Furlin (2023) ainda se referem a Chen e Wellman (2005): “A internet pode aumentar as lacunas existentes entre ricos e pobres, entre os que têm e os que não têm acesso à informação, entre os que tem conexão de qualidade e os ‘mal’ conectados”.

²⁰ Publicado em: moran10.blogspot.

²¹ Esse conceito passou a ser desenvolvido ainda na década de 1980 durante a expansão e reestruturação do capitalismo e a evolução da era industrial. Outro elemento que foi fundamental para a sua construção foi o desenvolvimento da Internet. Por isso, a sociedade da informação está estreitamente ligada ao processo de transição da fase industrial para a informacional. Fonte: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/sociologia/sociedade-da-informacao>. Acesso em: 27 dez. 2023.

Quando analiso o termo “mal conectados” de Chen e Wellman (2005), observo que este se desdobra naquilo que Castells (2005) alertou em relação à carência ou uso inadequado das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), reproduzindo uma desigualdade digital dentro do cenário do capitalismo global direcionado pelas trocas de informação. Para Castells (2005), esse processo do sistema pode levar todo o mundo a processos de aumento da desigualdade social. E na análise Castells (2005),

Um excluído digital tem três grandes formas de ser excluído. Primeiro, não tem acesso à rede de computadores. Segundo, tem acesso ao sistema de comunicação, mas com uma capacidade técnica muito baixa. Terceiro (para mim é a mais importante forma de ser excluído e da que menos se fala) é estar conectado à rede e não saber qual o acesso usar, qual a informação buscar, como combinar uma informação com outra e como a utilizar para a vida. Esta é a mais grave porque amplia, aprofunda a exclusão mais séria de toda a História; é a exclusão da educação e da cultura porque o mundo digital se incrementa extraordinariamente (Castells, 2005).

Dessa maneira, há três formas de exclusão digital: ausência de tecnologias, baixa capacidade técnica e dificuldade de processar as informações para utilizá-las em sua vida. Esses aspectos podem excluir um indivíduo dos processos culturais e educacionais, impedindo-o de participar e se desenvolver.

Nesta mesma pergunta, Alexa e Magalu mencionam problemas recorrentes com a internet, e salientam sua indignação com a internet precária, entre outros problemas de suporte na sala. Sobre este problema a Unesco (2014), em suas diretrizes de políticas para aprendizagem móvel, indica que é função dos governantes ampliar e melhorar o acesso à internet, além de melhorar a estrutura tecnológica para garantir a equidade.

Logo, a falta ou oferta insuficiente de internet determina um problema recorrente, possivelmente da maioria das escolas públicas, o seu acesso tornou-se algo que ganhou mais visibilidade porque este recurso, de certa forma, passou a ser um meio para acessar informação, diminuindo fortemente o uso do papel, tornando sua presença indispensável.

Pergunta 19 - Na sua opinião, quais são os principais desafios para o professor que quer começar a desenvolver atividades com o uso dos STs em sala de aula?

(Alexa) “Dentre os principais desafios, destaco a necessidade de obtenção de conhecimento técnico sobre aplicativos e recursos educacionais disponíveis; a habilidade em adaptar atividades que sejam significativas para o processo de aprendizagem; e o gerenciamento de sala de aula de modo a garantir o uso adequado dos dispositivos durante as atividades.”

(Matrix) “Os desafios são bastantes. Por exemplo, a baixa carga horária para a disciplina, o excesso de alunos em sala de aula, a classe social de nossos alunos, a falta de infraestrutura do ambiente escolar, e, soma-se a tudo isso a falta de competência de LD por parte do educador.”

(Magalu) “A mesma resposta acima.”

Alexa destacou a necessidade de obtenção de conhecimento técnico sobre aplicativos e recursos educacionais disponíveis; a habilidade em adaptar atividades que sejam significativas para o processo de aprendizagem; e o gerenciamento de sala de aula, de modo a garantir o uso adequado dos dispositivos durante as atividades. Ela enfatizou a importância de capacitar os professores e os alunos para usar as tecnologias de forma eficiente e pedagógica, e de planejar as aulas de acordo com os objetivos e as necessidades dos estudantes. Matrix, por sua vez, apontou os desafios relacionados à estrutura e às condições do nosso sistema educacional. Ele citou a baixa carga horária para a disciplina, o excesso de alunos em sala de aula, a classe social de nossos alunos, a falta de infraestrutura do ambiente escolar, e soma-se a tudo isso a falta de competência de LD por parte do educador. Ele ressaltou as dificuldades de oferecer uma educação digital de qualidade em um contexto de desigualdade, precariedade e falta de apoio institucional. Magalu, por fim, mencionou a falta de internet e o fato de alguns alunos não terem STs como alguns dos principais obstáculos para a educação digital. Ela destacou o problema da acessibilidade, que impede que muitos alunos possam participar das aulas on-line ou utilizar os recursos digitais. Ela defendeu a necessidade de ampliar a inclusão digital e garantir que todos tenham acesso à rede e a dispositivos tecnológicos adequados.

Os três professores claramente conhecem os obstáculos que, muitas vezes, explicam o ato de muitos docentes evitarem usar o ST como recurso didático. Se imaginarmos uma linha vertical entre as respostas de Alexa e Matrix, veremos que os excertos dos dois convidados professores, nesta questão 19, convergem essencialmente na busca do LD. Isso corresponde ao que Santos, Soares e Boa Sorte (2020, p. 271) comentam:

De acordo com Gilster (1997, p. 1-2, tradução nossa), “[...] letramento digital é dominar as ideias, não as teclas digitadas”, pois “[...] você não deve só adquirir a habilidade de encontrar as coisas, você também deve adquirir a habilidade de usar essas coisas em sua vida”. À época, Gilster objetivava falar sobre letramento digital para além do aparato tecnológico. O autor estava focado em uma definição que abarcasse a forma como as pessoas se relacionavam com as informações da e na web. Dessa maneira, o trabalho com letramento digital na escola se preocuparia em capacitar estudantes para permanecerem “seguros” nos ambientes digitais, irem além do copiar e colar e empreenderem posturas reflexivas frente às informações com as quais se deparavam.

As palavras de Santos, Soares e Boa Sorte (2020) definem objetivamente a postura de professores e alunos frente à prática do LD no ambiente escolar. Ainda no que tange aos letramentos, Kalatzis, Cope e Pinheiro (2020) declaram que os alunos do século XXI devem possuir habilidades para trabalhar como construtores de significados, assumindo a responsabilidade pela sua aprendizagem. E mais: os professores devem propiciar a esses alunos chances para usar novas tecnologias, favorecendo a autonomia dos estudantes e estes se autorresponsabilizando pela sua aprendizagem.

Na questão *Opinião dos professores a respeito da discussão sobre o uso pedagógico de tecnologias na formação docente inicial e continuada* (Pergunta 21), o objetivo desta questão é verificar se os professores acham necessário que haja atualmente a discussão sobre o uso pedagógico de tecnologias durante a formação docente inicial e continuada.

Pergunta 21 - Qual é o papel do debate sobre esse assunto na escola? Há esse tipo de discussão na escola onde você trabalha? Qual é a postura da escola a esse respeito?

(Alexa) “Excetuando os cursos de aperfeiçoamento voltados para o uso das novas tecnologias em sala de aula ofertados pelo governo do estado, não tenho conhecimento de outros debates mais amplos sobre esse assunto em específico que tenham sido promovidos pela escola onde trabalho. Creio que os debates aconteçam, de forma aleatória, entre os professores de cada área, uma vez que os livros didáticos, alinhados à proposta da BNCC, requerem um trabalho que envolva o conhecimento e desenvolvimento de habilidades digitais.”

(Matrix) “É necessário que haja um engajamento discursivo sobre a importância do LD como parte da prática docente. Esse debate é importante, pois a escola precisa acompanhar a evolução social. O LD deve vir acompanhado de ações práticas que permitem a aplicação do que é proposto. Em minha opinião, essa questão foge ao escopo da escola, querer é uma coisa, poder fazer é outra coisa bem diferente. Depende de recursos...”

(Magalu) “Discussão muito pouco e resistência ao uso por alguns professores.”

Alexa afirmou ter participado de cursos de aperfeiçoamento voltados para o uso das novas tecnologias em sala de aula ofertados pelo governo do estado, e não tem conhecimento de outros debates mais amplos sobre esse assunto em específico que tenham sido promovidos pela escola onde trabalha. Ela acredita que os debates aconteçam, de forma aleatória, entre os professores de cada área, uma vez que os livros didáticos, alinhados à proposta da BNCC, requerem um trabalho que envolva o conhecimento e desenvolvimento de habilidades digitais. A docente sugeriu a necessidade de ampliar e sistematizar os espaços de discussão e formação sobre o uso pedagógico das tecnologias na escola. Matrix, por sua vez, defendeu que é necessário que haja um engajamento discursivo sobre a importância do LD como parte da

prática docente. Ele argumentou que esse debate é importante, pois a escola precisa acompanhar a evolução social. O professor também afirmou que o LD deve vir acompanhado de ações práticas que permitem a aplicação do que é proposto. Ele apontou a dependência de recursos, como infraestrutura, equipamentos, conexão, tempo e apoio, como fatores que limitam a realização da educação digital na escola. Magalu declarou que há pouca discussão e resistência ao uso das tecnologias por alguns professores. Em seu entendimento, há uma falta de interesse, motivação ou confiança por parte de alguns educadores em relação às tecnologias digitais.

Essas três opiniões mostram que a educação digital no CEEP é um tema complexo e que envolve diversos aspectos. Nota-se que as percepções dos entrevistados denotam um debate insuficiente sobre o assunto em questão e que a escola onde trabalham não estimula esse debate, o que vai na direção contrária ao que Santos, Soares e Boa Sorte (2020), isto é, que com o aumento do acesso à Internet e aos ambientes digitais surge uma questão: o professor sabe como usar as tecnologias de forma geral e, principalmente, as tecnologias digitais, de forma crítica e reflexiva? Para discutir essa questão, pensamos em possibilidades de formação contínua de professores para os LDs. E mais, segundo Santos, Soares e Boa Sorte (2020), com as culturas digitais, a pós-verdade²² e as fake news (Santaella, 2020), o que se mostra importante é sempre fazer a leitura de nossas atitudes como usuários das redes, que fazem e espalham discursos nos meios digitais. Por isso, a formação contínua em LDs é aquela que dá aos professores várias possibilidades de trabalhar com assuntos que aparecem nos meios digitais, mas que também têm a ver com o mundo real. Não dá mais para separar o real e o virtual/digital, porque as nossas práticas sociais misturam cada vez mais essas duas áreas.

Considerando ainda a discussão sobre os gadgets²³ dentro da escola e a preparação do professor, o jornal Folha de S. Paulo traz uma matéria com o título: *Quase metade dos alunos do país se distraí com o celular em aula. Dados do PISA impulsionam debates na escola*. O jornal expõe dados que foram manchetes nos últimos dias:

Quase metade dos estudantes brasileiros afirmam se distrair com celulares durante as aulas. Segundo o mais recente Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa), divulgado no início de dezembro, a porcentagem do Brasil (45,1%) é superior à média da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), entidade que aplica o exame a cada três anos: 30,5% (Mandelli, 2023).

²² Pós-verdade s.f.: Conjunto de fatos ou informações que, sem fundamento e propagados de maneira repetitiva, são tomados como verdadeiros. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/pos-verdade/>. Acesso em: 15 dez. 2023.

²³ Gadget é uma palavra estrangeira muito presente no vocabulário do brasileiro que vem sendo usada para designar dispositivos eletrônicos portáteis de maneira genérica. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/05/o-que-e-gadget-descubra-o-significado-tecnologico-da-palavra.ghhtml> Acesso em: 15 dez. 2023.

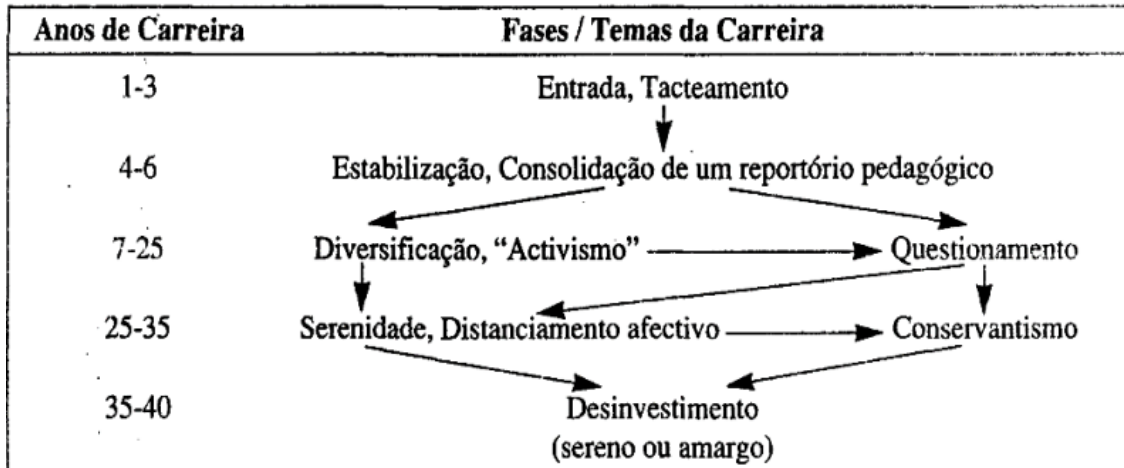
Os dados são alarmantes, entretanto, segundo o jornal, o próprio relatório do Pisa traz outro dado importante:

O “uso moderado” de gadgets e aprendizagem não é “intrinsecamente prejudicial”, pois alunos que gastam até uma hora por dia em dispositivos digitais realizando atividades curriculares obtiveram 14 pontos a mais em matemática do que aqueles que não dedicaram nenhum tempo. Segundo o Pisa, mesmo observando o perfil socioeconômico dos discentes e das unidades de ensino, essa relação ainda é positiva em mais da metade dos países que participaram da avaliação (Mandelli, 2023).

Como se verifica nos dados da pesquisa do Pisa, anteriormente, o problema se encontra em como se usa e como se gerencia o tempo com esses dispositivos. Ainda conforme Mandelli (2023), do Jornal Folha de S. Paulo, o uso das tecnologias digitais na educação requer uma abordagem qualificada, com objetivos pedagógicos claros e consistentes. Para isso, é preciso criar diretrizes para o uso da tecnologia na escola, aproveitando as suas potencialidades e evitando distrações. Além disso, é necessário preparar as redes de ensino, com equipamentos, internet e formação de professores, que devem usar as tecnologias de forma crítica e reflexiva. Há uma distância entre a formação dos professores e a realidade da sala de aula, que pode piorar com a digitalização da vida social e as mudanças tecnológicas rápidas e assustadoras, como a inteligência artificial. Por isso, “[...] não se deve proibir ou permitir o uso dos aparelhos de forma irrestrita nas escolas, mas sim ter uma visão crítica e responsável sobre eles. Isolar a escola das novas tecnologias é prejudicial, qualificar e fazer a mediação seria a decisão mais coerente” (Mandelli, 2023, grifo nosso).

É interessante ressaltar o comentário da pergunta 21 exposto por Magalu sobre *Qual é o papel do debate sobre esse assunto na escola? Há esse tipo de discussão na escola onde você trabalha? Qual é a postura da escola a esse respeito?* A entrevistada comenta: “*Discussão muito pouco e resistência ao uso por alguns professores*”. Aqui está clara a falta de iniciativa da parte dos professores, uma vez que ela menciona a resistência dos docentes, e este posicionamento de alguns professores pode ser, de certa forma, entendido ao observarmos o quadro do Ciclo de Vida de Huberman (1995), exposto na Figura 11. Trata-se de um modelo que descreve as fases de uma carreira docente, desde a entrada na profissão até a aposentadoria, sendo influenciado por fatores pessoais, profissionais e contextuais. Essas fases podem afetar o desempenho, a motivação e a satisfação dos professores.

Figura 11 - Ciclo de vida profissional



Fonte: Huberman (1995).

A projeção acima pode ser especulativa e construída dessa forma para ser melhor entendida pelos leitores, mas pode ser usada nesse contexto como ferramenta para procurar entender a perspectiva oferecida pela professora Magalu. Destaca-se que os professores de modo geral, dentre os entrevistados, docentes de outras disciplinas e gestores se encaixam no perfil de aproximadamente 25 anos de carreira, logo se enquadram dentro do conservantismo, ou seja, inclinando-se a manter-se com conceitos tradicionais e conservadores.

Além dos motivos mencionados acima, os valores que davam sentido à profissão de professor não se sustentam mais por causa das mudanças na sociedade e na educação. Para muitos docentes, o antigo modelo não serve mais para ensinar nem para ser professor, e estes notam que seus objetivos da educação precisam ser revistos. Os professores se sentem em uma grande confusão, pois precisam mudar suas identidades e aceitar novos valores. O que pode contribuir para o novo modo de ensinar é, justamente, pensar criticamente sobre o papel de ser professor (Nóvoa, 1999). Dessa forma, paradoxalmente cria-se uma desordem de identidades, o professor se torna desmotivado e, de repente, ele constata a impossibilidade de realizar suas atividades e seu ideal, que resultam no descompasso entre expectativas e possibilidades, ocasionando a falta de interesse em provocar mudanças na sua prática já estabelecida.

4 VERIFICAÇÃO DE STATUS (considerações finais)

Nesta dissertação procuro seguir uma sequência lógica, com: abertura, base teórica, conteúdo e desfecho, fundamentando-me principalmente em autores como Paiva (2019) e Minayo (2010) para dar suporte à pesquisa-ação, como metodologia de pesquisa. Além de Moran (2016), Castells (2005) e Santaella (2020), como autores base para o suporte teórico. O estudo revelou que os STs podem ser efetivamente utilizados como um instrumento pedagógico que promove uma melhor interação entre educadores e alunos, facilita o acesso a conteúdo interativo que permite maior adaptabilidade na jornada de aprendizado e oferece oportunidades de desenvolver o LD e de personalizar o ensino de acordo com as necessidades e interesses de cada aluno por meio de aplicativos e recursos educacionais digitais.

Dirijo-me, no encaminhamento de toda a discussão, através de minha percepção como pesquisador/professor, conjuntamente com meus colegas, analisando a percepção dos professores e alunos em relação ao uso pedagógico dos STs no processo de ensino de Inglês como segunda língua (ESL), por meio de uma entrevista semiestruturada, suportada principalmente por Manzini (2003).

Durante a entrevista os professores se mostraram críticos e participativos, cientes das possibilidades e vantagens de uma possível mudança de paradigma em relação ao LD. Eles reconheceram a importância de usar as tecnologias digitais de forma criativa e reflexiva, tanto para o seu próprio desenvolvimento profissional quanto para o aprendizado dos seus alunos.

Esta dissertação aponta através de diálogos com grandes autores os benefícios e os desafios da inserção dos STs como recurso pedagógico, contribuindo para a reflexão de professores em geral, não apenas os docentes de ESL.

Outro aspecto a pontuar é a importância de incentivar a capacitação docente através de cursos contínuos de atualização. Cobra-se muito e entrega-se muito pouco aos professores, observando-se também que possivelmente esse quadro revela dificuldades e situações cotidianas escolares que são comuns também a outras disciplinas. Entre os desafios, destacam-se a necessidade de incentivar a capacitação docente através de cursos contínuos de atualização, a escassez de infraestrutura adequada nas escolas, como internet a contento por exemplo, e a falta de iniciativa de alguns professores em abraçar o novo em reconhecer a importância e aceitar a incorporação do ST em suas práticas pedagógicas.

Não devemos nem divinizar e nem diabolizar a tecnologia, conforme Freire (2002), mas sim explorá-la para melhorar nossa prática pedagógica.

Ao concluir este trabalho, eu constato que a tecnologia digital combinada com as metodologias ativas pode realmente favorecer aulas mais eficazes e com menos esforço do professor, sobrando mais de seu tempo escasso e precioso.

Estou muito contente em chegar ao produto final (Website com recursos para planejamento de aula de Inglês) que pode realmente auxiliar meus colegas professores. Optei por criar uma plataforma que realmente ofereça um importante apoio a mim e a meus colegas na ação de planejar atividades pedagógicas. O objetivo não é somente criar algo prático e eficiente, mas sim um recurso que facilite o processo de elaborar uma metodologia consistente, abrangendo atividades claras e proveitosas.

Para o pesquisador que chegou até aqui, sugiro que seria importante investigar como o ST é usado como instrumento pedagógico em diferentes contextos educacionais, com um universo bem maior de docentes, considerando os níveis de ensino, as regiões geográficas, as infraestruturas, as políticas e as culturas escolares. Essa investigação pode revelar como a tecnologia é adotada pelos professores e pelos alunos, quais são as vantagens e as dificuldades encontradas, e quais são os impactos específicos do uso de STs no ensino e na aprendizagem de Inglês em cada contexto. Assim, é possível obter um panorama mais amplo e diversificado do uso de STs no ensino de Inglês, e identificar as melhores práticas e as áreas de melhoria.

Também posso prever que o tema da minha dissertação será bastante pesquisado e, portanto, será consultado por muitos acadêmicos, em razão de que as discussões sobre o uso das tecnologias digitais na sala de aula vêm se revelando ser uma tendência, sobretudo, carente de pesquisas, e por isso, creio que novas pesquisas surgirão, e que o ST em breve, se tornará um recurso percebido de forma mais natural e aplicável do ponto de vista pedagógico.

Em meu íntimo, sinto que cumpri a missão, pois meus objetivos planejados foram atingidos. Pessoalmente, recomendo aos que lerem o meu trabalho que sigam pelo caminho da motivação, revisando valores de forma crítica, pois entendo que isso é a caminho do êxito no âmbito educacional.

O processo de reflexão foi expressivo e, finalizo esta experiência como um professor bem diferente daquele que começou a pensar a pesquisa. Conforme aponta Minayo, “Certamente o ciclo nunca se fecha, pois toda pesquisa produz conhecimentos afirmativos e provoca mais questões para aprofundamento posterior” (Minayo, 2002, p. 27). Nesse sentido, espero que este trabalho possa inspirar outros pesquisadores e educadores a explorarem as potencialidades dos STs na educação.

5 PRODUTO EDUCACIONAL

Escolhi criar uma plataforma que realmente forneça uma valiosa assistência a mim e a meus colegas na tarefa de projetar atividades didáticas. A intenção não é apenas desenvolver algo prático e funcional, mas sim um mecanismo que agilize o processo de desenvolver uma metodologia sólida, incluindo atividades compreensíveis e úteis.

O website que tem como título: *Help me – Website de Apoio aos Professores de Inglês para prepararem suas Aulas* resultou da comprovada necessidade do professor de otimizar seu tempo. Sua criação origina-se de uma tese de dissertação intitulada *O papel dos smartphones como tecnologia educacional no ensino de Inglês*. Com o objetivo de ajudar a preparação das aulas de Língua Inglesa, busquei desenvolver uma tecnologia que atendesse às demandas do professor. O objetivo desse produto é apresentar um website que contenha um caminho para funcionalidades que ajudem o docente. O site é uma plataforma on-line, gratuita e aberta a todos os interessados. Mesmo em meio a uma atmosfera que uma dissertação demanda, sobretudo empenho de leitura, estudo, pesquisa e escrita, o produto em si costuma receber mais atenção do que a dissertação, por ter usabilidade, aplicabilidade e sentido visivelmente prático.

Com o surgimento de diversos dispositivos de IA, eu diria que esse website é um local que reúne algumas delas e que podem ajudar na automação e resolução de tarefas complexas que demandam muito tempo.

Observamos a constante evolução e surgimento de diversos sites com diversidades de funcionalidades, o que, de certa forma, obriga-me a revisar sempre suas atualizações. Embora o conceito de um website com uma biblioteca de sites para geração de atividades não seja algo inédito, ele procura se adaptar às peculiaridades preferenciais de professores brasileiros (meus colegas e eu), oferecendo uma interface intuitiva.

Este website apresenta-se como uma preciosa ferramenta para professores reavaliarem suas práticas pedagógicas, sobrando mais tempo para fazer uma análise crítica das atividades desenvolvidas a partir dos resultados obtidos pelos alunos. Em resumo, dentro deste cenário, o setor educacional não pode ignorar tamanha transformação científica, a parceria entre professores, websites que automatizam e IA que tem potencial para revolucionar o aprendizado e ensino, proporcionando uma educação mais eficaz e significativa.

E para ter acesso ao website, basta clicar aqui: <https://helpme.tec.br>

REFERÊNCIAS

- AURELIANO, F. E. B. S.; QUEIROZ, D. E. D. As tecnologias digitais como recursos pedagógicos no ensino remoto: implicações na formação continuada e nas práticas docentes. **Educação em Revista**, v. 39, p. e39080, 2023.
- BACICH, L.; MORAN, J. (orgs.). **Metodologias para uma educação inovadora**: Uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso Editora Ltda., 2018. E-book (430p.) (Desafios da educação). color. ISBN: 978-85-8429-116-8. Disponível em: <https://curitiba.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2020/08/Metodologias-Ativas-para-uma-Educacao-Inovadora-Bacich-e-Moran.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2022.
- BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. de M. **Ensino Híbrido**: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015.
- BAPTISTA, J. B. Reflexões de professores de inglês em formação inicial sobre o uso de novas tecnologias. **Rev. bras. linguist. apl.**, Belo Horizonte, v. 14, n. 3, p. 533-552, Sept. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982014000300003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 29 abr. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-63982014005000017>.
- BAUMAN, Z. “Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar”. Entrevista concedida a Andriana Prado. **Revista Istoé**, [2000?]. Disponível em: [https://istoe.com.br/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR+/. Acesso em: 6 jun. 2022.](https://istoe.com.br/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR+/)
- BOA SORTE, P. et al. Inteligência artificial e escrita acadêmica: o que nos reserva o algoritmo GPT-3? **Rev. EntreLínguas**, Araraquara, v. 7, n. 00, e021035, 2021. e-ISSN: 2447-3529. DOI: <https://doi.org/10.29051/el.v7i1.15352>
- BOA SORTE, P.; SILVA, L. G. V. Smartphones no intervalo escolar: um estudo no Instituto Federal de Sergipe – Campus São Cristóvão. **Revista Intercâmbio**, XLV: 119-139, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X.
- BOA SORTE, P.; SILVA, N. S. M.; CARVALHO, C. B. de. Smartphones in higher education classrooms: motivations, rules, and consequences. **Educação em Revista**, v. 36, p. e230155, 2020.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. 562p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/junho-2013-pdf/13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf>. Acesso em: 13 abr. 2021.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, M. **O digital é o novo normal**. 2020. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/artigos/o-digital-e-o-novo-normal>. Acesso em: 17 nov. 2023.

CASTELLS, M. **O caos e o progresso**. [Entrevista cedida a] Keli Lynn Boop. Portal Extra Classe, março 2005. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/geral/2005/03/o-caos-e-o-progresso/> Acesso em: 3 mar. 2022.

CHEN, W.; WELLMAN, B. Minding the cyber-gap: the internet and social inequality. In: ROMERO, M.; MARGOLIS, E. **The Blackwell Companion to Social Inequalities**. Blackwell Publishing, 2005.

COOPER, M. **Rhetorical agency as emergent and enacted**. College Composition and Communication. The National Council of Teachers of English, 2011.

CORTELLA, M. S. **Educação, Escola e Docência (Livro eletrônico)**. Novos tempos, novas atitudes. São Paulo: Cortez Editora. 2014.

COSTA, G. dos S. **Mobile Learning**: Explorando potencialidades com o uso do celular no ensino-aprendizagem de língua inglesa como língua estrangeira com alunos da escola pública 2013. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/11333/1/TESE%20Giselda%20dos%20Santos%20Costa.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2021.

DUARTE, N. **Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

DUDENEY, G.; HOCKLY, N.; PEGRUM, M. **Letramentos Digitais**.; tradução Marcos Marcionilo. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial. 2016. p. 17-19.

EDUCAÇÃO EM REVISTA. Belo Horizonte, v. 36, 2020. Disponível em: [345777731_SMARTPHONES_IN_HIGHER_EDUCATION_CLASSROOMS_MOTIVATIONS_RULES_AND_CONSEQUENCES](https://www.revista.ufrj.br/revista/36/345777731_SMARTPHONES_IN_HIGHER_EDUCATION_CLASSROOMS_MOTIVATIONS_RULES_AND_CONSEQUENCES). Acesso em: 18 set. 2023.

ELIAS, T. Universal instructional design principles for mobile learning. **International Review of Research in Open and Distance Learning**, p. 143-156, 2011. Disponível em: <http://www.eric.ed.gov/PDFS/EJ920738.pdf>. Acesso em: 26 out. 2023.

ENTENDA AS DIFERENÇAS: Educação remota, online e EAD. **Faz Educação e Tecnologia**. 1 de jun. de 2020. Disponível em: <https://www.fazeducacao.com.br/diferencas-educacao-remota-online-e-ead>. Acesso em: 02 nov. 2022.

ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS - **Uma abordagem qualitativa**. Disponível em: <https://1library.org/article/entrevistas-semi-estruturadas-uma-abordagem-qualitativa.zlgnwj2y>. Acesso em: 21 out. 2023.

FILATRO, A. **Design instrucional contextualizado: educação e tecnologia**. São Paulo: SENAC, 2004. p. 65,

- FONSECA, V. da. Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. **Rev. psicopedag.**, São Paulo, v. 33, n. 102, p. 365-384, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862016000300014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 dez. 2023.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- FRANÇA, A.; FURLIN, N. Educação e desigualdades digitais durante a pandemia da Covid 19: análise da produção científica. **Linguagens, Educação e Sociedade**, v. 27, n. 53, p. 300-326, 2023.
- GARDNER, R. C. **Social Psychology and second language learning: The role of attitudes and motivation**. London, GB: Edward Arnold. 1985. Disponível em <http://publish.uwo.ca/~gardner/>. Acesso em: 30 dez. 2023.
- GAVER, W. W. **Technology affordances**. Proceedings of CHI 91. New York, NY: ACM, 1991. p. 79-84.
- GIBSON, J. J. **The ecological approach to visual perception**. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1979.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GUITARRARA, P. “Inteligência artificial”. **Brasil Escola**. 2023. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/informatica/inteligencia-artificial.htm>. Acesso em: 29 out. 2023.
- HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2.ed. Porto: Porto Editora, 1995. p 31-59.
- IBGE. Síntese de Indicadores Sociais: em 2019, proporção de pobres cai para 24,7% e extrema pobreza se mantém em 6,5% da população. **Agência IBGE Notícias**. 12/11/2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/29431-sintese-de-indicadores-sociais-em-2019-proporcao-de-pobres-cai-para-24-7-e-extrema-pobreza-se-mantem-em-6-5-da-populacao#:~:text=n%C3%A3o%20estar%20dispon%C3%ADveis,-,S%C3%ADntese%20de%20Indicadores%20Sociais%3A%20em%202019%2C%20propor%C3%A7%C3%A3o%20de%20pobres%20cai,em%206%2C5%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o&text=Os%20resultados%20utilizam%20dados%20da,a%202019%2C%20entre%20outras%20fontes>. Acesso em: 10 ago. 2022.
- IRIGARAY, H. A. R.; STOCKER, F. ChatGPT: Um museu de grandes novidades. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 21, n. 1, p. 1-5, 2023.
- KALANTZIS, M.; COPE, B.; PINHEIRO, P. **Letramentos**. Campinas: Unicamp, 2020.
- KUMARAVADIVELU, B. **Understanding Language Teaching: From Method to Post-method**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2006.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA NETO, N. V.; CARVALHO, A. B. de. Letramento digital: breve revisão bibliográfica do limiar entre conceitos e concepções de professoras e de professores. **Texto Livre**, v. 15, p. e40207, 2022.

LIU, X. et al. **GPT understands, too**. 18 de março de 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.48550/arXiv.2103.10385>. Acesso em: 26 out. 2023.

MAGALHAES, C. E. A. Diferentes metodologias no ensino de inglês como língua estrangeira: Reflexões por uma prática significativa. **Revista Escrita** (PUCRJ. Online), v. 15, p. 1-11, 2012. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=20838@1>. Acesso em: 15 nov. 2023.

MANDELLI, M. Quase metade dos alunos do país se distrai com celular em aula. **Folha de S. Paulo**, 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/12/quase-metade-dos-alunos-do-pais-se-distrai-com-celular-em-aula.shtml>. Acesso em: 16 dez. 2023.

MANZINI, E. J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 24, n. 2, p. 69-88, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/1770>. Acesso em: 21 out. 2023.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2007. (original de 1964).

MILLER, C. O que a automação pode nos dizer sobre a agência? IN: A. Dionisio e J. Hoffnagel (Orgs.). **Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia**. Recife: Universitária da UFPE, 2009. p. 177-197.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MORAIS, N. M. de M; LIMA, J. P. de L.; FORMIGA, C. N. D. Letramento digital e metodologias ativas no ensino remoto. **REIN - Revista Educação Inclusiva**, v. 6, n. 4, p. 135-148, 2021.

MORÁN, J. Por onde começar a transformar nossas escolas? In: MORÁN, J. **A Educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas: Papirus, 2016. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2017/04/come%C3%A7ar.pdf> Acesso em: 21 out. 2023.

MORÁN, J. **Como serão as aulas nos próximos anos**. 2023. Disponível em: <https://moran10.blogspot.com/2023/10/como-serao-as-aulas-nos-proximos-anos.html>. Acesso em: 30 out. 2023.

NAGUMO, E. **O uso do aparelho celular dos estudantes na escola**. 2014. 111f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília - UnB, Brasília-DF, 2014.

NAGUMO, E.; TELES, L. F. O uso do celular por estudantes na escola: motivos e desdobramentos. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos** [online]. 2016, v. 97, n. 246, pp. 356-371. ISSN 2176-6681. DOI: <https://doi.org/10.1590/S2176-6681/371614642>. Acesso em: 21 jun. 2021.

NOVA ESCOLA. Plano de aula: Defendendo pontos de vista. **Nova Escola**. Disponível em: <https://novaescola.org.br/planos-de-aula/fundamental/9ano/ingles/defendendo-pontos-de-vista/2126#section-ensinoRemoto-4>. Acesso em: 24 out. 2022.

NÓVOA, A. (Org.) **Profissão professor**. Lisboa: Porto Editora, 1999.

NUNES, C.; MADUREIRA, I. Desenho Universal para a Aprendizagem: Construindo práticas pedagógicas inclusivas. **Da Investigação às Práticas**, Portugal, v. 5, n. 2, p. 126-143, set. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/inp/v5n2/v5n2a08.pdf> Acesso em: 26 out. 2023.

ORTALE, F. L. et al. A Pedagogia Pós-Método: o ensino de línguas como compromisso político para além da sala de aula. **Revista de Italianística**, n. 42, p. 176-189, 2021.

PAIVA, V. L. M. O. de. A formação do professor para uso da tecnologia. In: SILVA, K. A.; DANIEL, F. G. de; KANEKO-MARQUES, S. M.; SALOMÃO, A. C. B. (Org.). **A formação de professores de línguas: novos olhares - Volume II**. Campinas: Pontes, 2012.

PAIVA, V. L. M. de O. **Manual de pesquisa em Estudos Linguísticos**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

PARLAMENTO EUROPEU. **O que é a inteligência artificial e como funciona?** [s.l.], 27 ago. 2020. Disponível em: <https://www.europarl.europa.eu/news/pt/headlines/society/20200827STO85804/o-que-e-a-inteligencia-artificial-e-como-funciona>. Acesso em: 31 out. 2021.

PINTO, Á. V. **O conceito de tecnologia**. vol. 1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

PRENSKY, M. Digital Natives, Digital Immigrants. **On the Horizon**, Bradford, v. 9, n. 5, p. 2-6, out. 2001.

QUAL É A DIFERENÇA entre smartphone e celular? Disponível em: <https://www.samsung.com/br/support/mobile-devices/what-is-the-difference-between-smartphone-and-mobile-phone/#:~:text=A%20principal%20diferen%C3%A7a%20entre%20um>. Acesso em: 26 out. 2023.

REUTERS. **ChatGPT “vai mudar nosso mundo”, diz Bill Gates**. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/negocios/chatgpt-vai-mudar-nosso-mundo-diz-bill-gates/>. Acesso em: 26 out. 2023.

RIBEIRO, D. A. et al. **Os smartphones como ferramenta pedagógica nas aulas de inglês: benefícios e desafios na perspectiva docente.** 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/16732>. Acesso em: 23 out. 2022.

ROSA, J.; JONES, M. **The double dance of agency:** A socio-theoretic account of how machines and humans interact. 2005. Disponível em: <http://www.vits.org/konferenser/alouis2004/html/6902.pdf>. Acesso em: 01 maio 2011.

SANTAELLA, L. **As novas linguagens e a educação:** entrevista com Lucia Santaella. Por Lilian Romão, para a Plataforma do Letramento (Cenpec). 2014. Disponível em: <https://www.cenpec.org.br/acervo/as-novas-linguagens-e-a-educacao-entrevista-com-lucia-santaella>. Acesso em: 22 out. 2022.

SANTAELLA, L. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-moderno. **Revista Famecos**, Porto Alegre, dez. 2003, p. 23-32.

SANTAELLA, L. A semiótica das fake news. **Verbum - Cadernos de Pós-Graduação.** ISSN 2316-3267, v. 9, n. 2, p. 09-25, 2020.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTOS, J. do C. A.; SOARES, L. R. O.; BOA SORTE, P.. **Letramentos digitais na formação contínua de professores.** Revista Teias, Rio de Janeiro, v. 21, n. 60, p. 270-281, jan./mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.12957/teias.2020.45853>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/45853>. Acesso em: 10 nov. 2020.

SCHLINDWEIN, A. F.; SILVA, P. R. B. S. **Alfabetização, Letramento(s) e os Multiletramentos.** Material didático do curso “Alfabetização e Letramento”, oferecido pelo Ministério da Educação (MEC), 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/AlfabetizacaoLetramento.pdf>. Acesso em: 24 set. 2020.

SHIELD, L.; KUKULSKA-HULME, A. Special edition of *ReCALL*, on *Mobile Assisted Language Learning*, 2008. Disponível em: http://www.eurocall-languages.org/recall/r_contents.html#sep08. Acesso em: 26 out. 2023.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143- 160, dez. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/zG4cBvLkSZfcZnXfZGLzsXb/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 ago. 2022.

STOCKWELL, G.; HUBBARD, P. **Some emerging principles for mobile-assisted language learning.** Monterey, CA: The International Research Foundation for English Language Education, 2013. Disponível em: <http://www.tirfonline.org/english-in-the-workforce/mobile-assisted-language-learning/>. Acesso em 26 out. 2023.

TUMOLO, C. Recursos digitais e aprendizagem de inglês como língua estrangeira. **Ilha do Desterro**, n. 66, p. 203–238, jan. 2014.

UNESCO. **Diretrizes de políticas da UNESCO para a aprendizagem móvel**. Paris, 2014. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000227770>. Acesso em: 12 nov. 2023.

VAN LIER, L. **The ecology and semiotics of language learning**: a Sociocultural Perspective. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2004.

VELHO, G. **Individualismo e Cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, Cap. 9, p. 123-132.

VERASZTO, E. V. et al. Tecnologia: buscando uma definição para o conceito. **Prisma.com** (Portugual), n. 8, p. 19-46, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/66904>. Acesso em: 08 out. 2023.

APÊNDICE A - Roteiro de elaboração do questionário/entrevista para os professores a ser aplicado através do *Google Forms*

	OBJETIVO	PROBLEMA	ASSERÇÃO	PERGUNTA
Delimitação do público-alvo e obtenção de contato para a segunda etapa da pesquisa	Assegurar que participantes façam parte do público-alvo.	Os participantes são parte do público-alvo?	A maioria dos participantes irá se disponibilizar para a pesquisa.	<i>E-mail:</i> Instituição em que trabalha:
Perfil dos participantes em relação ao uso dos <i>smartphones</i> no cotidiano	Identificar o perfil dos participantes no que se refere ao uso de seus <i>smartphones</i> no cotidiano.	Como os participantes utilizam os <i>smartphones</i> ? Para quais atividades? Com que frequência?	Os participantes utilizam bastante essa tecnologia em seu dia a dia, incorporados ao letramento digital.	1. Você utiliza <i>smartphone</i> em seu cotidiano? 2. Em caso afirmativo: quanto tempo do seu dia você gasta utilizando seu <i>smartphone</i> ? 3. Para que você utiliza seu <i>smartphone</i> ? 4. Há alguma coisa que, mesmo sabendo que é possível, você não faz pelo <i>smartphone</i> ?
Uso de tecnologia na escola	Verificar o uso de tecnologias na escola	A tecnologia é utilizada na instituição pesquisada? Que tipo de tecnologia está disponível?	Na instituição pesquisada os docentes têm acesso a computadores e projetores.	5. Na escola da rede estadual onde você trabalha, há o incentivo ao uso de tecnologia em sala de aula? 6. Em caso de resposta afirmativa à questão, que tipo de tecnologia?
Uso de <i>smartphones</i> para fins pedagógicos no espaço escolar	Identificar hábitos e opiniões e sobre o uso dos <i>smartphones</i> na escola.	Os docentes julgam possível o uso dos <i>STs</i> no espaço escolar?	A maioria dos docentes tem experiências com o uso dos <i>STs</i> em sala de aula.	7. Você acha que é viável, em suas aulas de Inglês na rede pública estadual propor trabalhos que envolvam o uso dos <i>smartphones</i> ? 8. Você já teve alguma experiência em sala de aula com esse tipo de trabalho? 9. Em caso de resposta afirmativa à questão 8, essa experiência foi positiva ou negativa? 10. Em caso de resposta negativa à questão 8, essa ausência de experiência é porque: (Exponha sua opinião) 11. Na sua opinião, é papel da instituição propor o debate a respeito do uso dos

				STs para fins pedagógicos e por quê?
Formação e experiência profissional	Verificar se a formação e experiência dos professores têm alguma relação com sua predisposição em utilizar TIC em sala de aula.	Como a formação e experiência dos professores influenciam na sua opinião sobre os STs e na sua predisposição para seu uso pedagógico?	Os professores que se formaram há mais tempo e não fizeram nenhum curso de formação continuada relacionado ao uso de tecnologias em sala de aula apresentam mais resistência ao uso dos STs como ferramenta pedagógica.	12. Há quanto tempo você leciona Inglês? Há quanto tempo você trabalha na rede estadual? 13. Na sua trajetória acadêmica e profissional, você fez algum curso relacionado ao uso das novas tecnologias digitais (sites, aplicativos, programas, redes sociais, ou afins) em sala de aula?
Experiências relacionadas ao uso dos STs como ferramenta pedagógica	Verificar que tipos de experiências com relação ao uso dos STs como ferramenta pedagógica os professores já tiveram.	Que tipos de experiências com relação ao uso dos STs como ferramenta pedagógica os professores trazem em suas trajetórias profissionais?	Professores que já estudaram sobre o uso de tecnologias em sala de aula terão experiências mais positivas do que aqueles que não se debruçam academicamente sobre o assunto.	14. Fale um pouco sobre a sua experiência com esse tipo de tecnologia em sala de aula. 15. Você já propôs alguma atividade com o uso dos STs que tenha obtido sucesso? A que você atribui esse sucesso? Fale um pouco sobre essa experiência. 16. Você já teve alguma experiência com esse tipo de atividade que não tenha dado certo? A que você atribui o fracasso da experiência? Fale um pouco sobre isso.

Opinião dos professores em relação ao uso pedagógico dos STs em sala de aula	Verificar o que os professores acham do uso pedagógico dos STs em sala de aula.	Como os professores veem o uso pedagógico dos STs em sala de aula?	O uso da tecnologia permite a elaboração de atividades mais enriquecedoras e interessantes para os alunos.	17. Na sua opinião, o que pode ser considerado ponto positivo em uma atividade que utilize os STs como ferramenta pedagógica?
			Dificuldades de infraestrutura na sala de aula da rede pública estadual podem ser entraves.	18. Que dificuldades podem ser encontradas em uma atividade que envolva o uso de STs em sala de aula? 19. Na sua opinião, quais são os principais desafios para o professor que quer começar a desenvolver atividades com o uso dos STs em sala de aula?
Opinião dos professores a respeito da discussão sobre o uso pedagógico de tecnologias na formação docente inicial e continuada	Verificar se os professores acham necessário que haja atualmente a discussão sobre o uso pedagógico de tecnologias durante a formação docente inicial e continuada.	Qual é a opinião dos professores a respeito da discussão sobre o uso pedagógico de tecnologias durante a formação docente inicial e continuada?	É importante que haja essa discussão tanto academicamente quanto nas escolas, nos fóruns competentes, para que haja a atualização dos docentes.	20. Você acha importante que haja formação para o uso de novas tecnologias digitais (sites, aplicativos, programas, redes sociais, ou afins) nas universidades? 21. Qual é o papel do debate sobre esse assunto na escola? Há esse tipo de discussão na escola onde você trabalha? Qual é a postura da escola a esse respeito?
Informações e opiniões adicionais dos professores				22. Há mais alguma coisa sobre esse assunto de que você gostaria de falar?

Fonte: Ribeiro (2021, p. 101) com adaptações do autor desta dissertação.

APÊNDICE B – Perguntas e respostas da entrevista semiestruturada na íntegra

Pergunta 1 - Você utiliza smartphone em seu cotidiano?

Todos os entrevistados responderam sim.

Pergunta 2 - Em caso afirmativo: quanto tempo do seu dia você gasta utilizando seu *smartphone*?

Todos os entrevistados responderam que utilizam pro 2 a 5 horas diariamente.

Pergunta 3 - Para que você utiliza seu *smartphone*?

(Alexa) *“Utilizo para as mais diversas finalidades, como, por exemplo, acessar e-mails, redes sociais, para me comunicar com pessoas e grupos por meio do Whatsapp, para fazer pesquisas rápidas no Google, para utilizar aplicativos que facilitam a vida diária e profissional, etc.”*

(Matrix) *“Utilizo o meu *smartphone* muitas vezes para leitura de textos, artigos, livros de minha área de interesse. Também utilizo para acessar as redes sociais e algumas vezes para lazer, a exemplo, jogos de memória.”*

(Magalu) *“Para conversar com pessoas, manter atualizada, fazer compras, em sala de aula etc...”*

Pergunta 4 - Há alguma coisa que, mesmo sabendo que é possível, você não faz pelo *smartphone*?

(Alexa) *“Eu não costumo utilizar o *smartphone* para a leitura de textos e participação em lives. Nesses casos, em especial, eu prefiro utilizar o computador ou notebook..”*

(Matrix) *“Sim, fazer do *smartphone* uma ferramenta pedagógica. “*

(Magalu) *“Sim, gostaria de aprender a editar fotos.”*

Pergunta 5 - Na escola da rede estadual onde você trabalha, há o incentivo ao uso de tecnologia em sala de aula?

Dois disseram sim e um respondeu que não. Ligando-os à questão 6.

Pergunta 6 - Em caso de resposta afirmativa à questão 5, que tipo de tecnologia?

(Alexa) *(Não Respondeu)*

(Matrix) *“Principalmente, a Smart TV.”*

(Magalu) *“Site de pesquisa, filmes, músicas, vídeos...”*

Pergunta 7 - Você acha que é viável, em suas aulas de Inglês na rede pública estadual propor trabalhos que envolvam o uso dos *STs*?

Todos os entrevistados responderam sim.

Pergunta 8 - Você já teve alguma experiência em sala de aula com esse tipo de trabalho?

Dois responderam sim e um respondeu não a algum tipo de experiência com esse tipo de trabalho.

Pergunta 9 - Em caso de resposta afirmativa à questão 8, essa experiência foi:

Dois tiveram experiências positivas e um teve experiência negativa ou não teve nenhum tipo de experiência.

Pergunta 10 - Em caso de resposta negativa à questão 8, essa ausência de experiência é porque: (Exponha sua opinião)

(Alexa) *“A minha resposta foi positiva.”*

(Matrix) *“Carência de letramento digital.”*

(Magalu) *“Não tem.”*

Pergunta 11 - Na sua opinião, é papel da instituição propor o debate a respeito do uso dos STs para fins pedagógicos e por quê?

(Alexa) *“Creio que esse debate se faz necessário porque, em geral, os smartphones estão presentes na vida cotidiana dos alunos e existem diversas formas de integrá-los à vida escolar. O papel das instituições de ensino é primordial no sentido de disponibilizar internet de qualidade para atender à demanda nas salas de aula e incentivar o uso desses aparelhos nas aulas de forma consciente e eficaz, apresentando aos alunos e professores as diversas possibilidades de uso para fins pedagógicos.”*

(Matrix) *“Sim, uma vez que vivemos em um mundo globalizado altamente tecnologizado, para se tornar cidadão do mundo é fundamental o desenvolvimento da competência digital.”*

(Magalu) *“Sim, pois acredito que a escola foi o lugar em que o impacto dos smartphones foi maior.”*

Pergunta 12 - Você leciona inglês há quanto tempo? Há quanto tempo você trabalha na rede estadual?

Está informação consta um pouco acima no quadro 5 do perfil dos professores entrevistados.

Pergunta 13- Na sua trajetória acadêmica e profissional, você fez algum curso relacionado ao uso das novas tecnologias digitais (sites, aplicativos, programas, redes sociais, ou afins) em sala de aula?

Está informação consta um pouco acima no quadro 5 do perfil dos professores entrevistados.

Pergunta 14 - Fale um pouco sobre a sua experiência com esse tipo de tecnologia em sala de aula.

(Alexa) *“Sempre busco integrar as novas tecnologias em minhas aulas. Procuo me manter informada e atenta com relação às diferentes tecnologias e ferramentas digitais com potencial de beneficiar o aprendizado dos meus alunos. É notável o engajamento e participação dos alunos quando integro as novas tecnologias digitais de alguma maneira em minhas aulas e também quando eu proponho atividades que incorporem os diferentes gêneros da cultura digital.”*

(Matrix) *“Os cursos que eu fiz foram voltados mais para a parte teórica, relacionados ao gerenciamento de plataformas, como, por exemplo, o google sala de aula, o teams, etc. Não me recordo de ter estudado questões específicas de aplicação de tecnologia vinculada a prática pedagógica visando o desenvolvimento da competência digital dos agentes que fazem parte do processo de ensino e aprendizagem de línguas.”*

(Magalu) *“Está sendo bem desafiador pois às vezes os alunos sabem mais do que o professor.”*

Pergunta 15- Você já propôs alguma atividade com o uso dos STs que tenha obtido sucesso? A que você atribui esse sucesso? Fale um pouco sobre essa experiência.

(Alexa) *“As experiências com o uso dos smartphones em minhas aulas têm sido, na maioria das vezes, bem positivas. As ferramentas digitais e diferentes aplicativos educacionais que podem ser utilizados pelos alunos em seus smartphones contribuem com o desenvolvimento de atividades que promovem momentos de interação e descontração, o que mantêm os alunos mais motivados e dispostos para a aprendizagem.”*

(Matrix) *“Infelizmente, nunca propus uma atividade com o uso de smartphones.”*

(Magalu) *“Sim, o sucesso foi graças a facilidade e atrativo que as redes têm.”*

Pergunta 16 - Você já teve alguma experiência com esse tipo de atividade que não tenha dado certo? A que você atribui o fracasso da experiência? Fale um pouco sobre isso.

(Alexa) *“As experiências que tive com o uso de smartphones em minhas aulas só não deram certo ou foram dificultadas em razão de problemas relacionados com a internet disponibilizada pela escola ou devido a problemas de ordem técnica.”*

(Matrix) *“Infelizmente, nunca propus uma atividade com o uso de smartphones.”*

(Magalu) *“Não tive.”*

Pergunta 17- Na sua opinião, o que pode ser considerado ponto positivo em uma atividade que utilize os STs como ferramenta pedagógica?

(Alexa) *“Na minha opinião, alguns pontos positivos são: a) romper com a metodologia tradicional; b) acessar informações de forma instantânea; c) proporcionar motivação e engajamento por parte dos alunos; d) Promover o desenvolvimento de habilidades digitais; dentre outras.”*

(Matrix) *“Uma vez que os smartphones fazem parte da vida das pessoas na atualidade, creio que deve haver várias possibilidades de uso dessa ferramenta em sala de aula. Porém deve ser*

algo bem direcionado e para isso conhecimento digital é fundamental. Um ensino que apresente possibilidades múltiplas de uso dessa ferramenta (os smartphones), acredito, pode ser uma ótima alternativa para trazer os alunos de volta ao contexto da sala de aula, uma vez que os diversos aplicativos dinâmicos podem permitir uma melhor absorção dos assuntos propostos.”

(Magalu) *“Positivo quando usado adequadamente.”*

Pergunta 18 - Que dificuldades podem ser encontradas em uma atividade que envolva o uso de STs em sala de aula?

(Alexa) *“Algumas das dificuldades incluem: a) distrações por parte dos alunos; b) falta de orientação adequada para o uso das ferramentas ao longo da aula; c) problemas de conexão à internet, entre outras.”*

(Matrix) *“A classe social de nossos alunos. Muitos deles são provenientes de classes sociais menos favorecidas.”*

(Magalu) *“A falta de internet e alguns alunos não têm smartphones.”*

Pergunta 19 - Na sua opinião, quais são os principais desafios para o professor que quer começar a desenvolver atividades com o uso dos STs em sala de aula?

(Alexa) *“Dentre os principais desafios, destaco a necessidade de obtenção de conhecimento técnico sobre aplicativos e recursos educacionais disponíveis; a habilidade em adaptar atividades que sejam significativas para o processo de aprendizagem; e o gerenciamento de sala de aula de modo a garantir o uso adequado dos dispositivos durante as atividades.”*

(Matrix) *“Os desafios são bastantes. Por exemplo, a baixa carga horária para a disciplina, o excesso de alunos em sala de aula, a classe social de nossos alunos, a falta de infraestrutura do ambiente escolar, e, soma-se a tudo isso a falta de competência de letramento digital por parte do educador.”*

(Magalu) *“A mesma resposta acima.”*

Pergunta 20 - Você acha importante que haja formação para o uso de novas tecnologias digitais (sites, aplicativos, programas, redes sociais, ou afins) nas universidades?

Todos responderam sim.

Pergunta 21 - Qual é o papel do debate sobre esse assunto na escola? Há esse tipo de discussão na escola onde você trabalha? Qual é a postura da escola a esse respeito?

(Alexa) *“Excetuando os cursos de aperfeiçoamento voltados para o uso das novas tecnologias em sala de aula ofertados pelo governo do estado, não tenho conhecimento de outros debates mais amplos sobre esse assunto em específico que tenham sido promovidos pela escola onde trabalho. Creio que os debates aconteçam, de forma aleatória, entre os professores de cada área, uma vez que os livros didáticos, alinhados à proposta da BNCC, requerem um trabalho que envolva o conhecimento e desenvolvimento de habilidades digitais.”*

(Matrix) *“É necessário que haja um engajamento discursivo sobre a importância do letramento digital como parte da prática docente. Esse debate é importante, pois a escola precisa acompanhar a evolução social. O letramento digital deve vir acompanhado de ações práticas que permitem a aplicação do que é proposto. Em minha opinião, essa questão foge ao escopo da escola, querer é uma coisa, poder fazer é outra coisa bem diferente. Depende de recursos ...”*

(Magalu) *“Discussão muito pouco e resistência ao uso por alguns professores.”*

Pergunta 22 - Há mais alguma coisa sobre esse assunto de que você gostaria de falar?

(Alexa) *“Apenas acrescentar que se faz crucial que os professores mantenham uma atitude receptiva à inovação, e estejam dispostos a explorar novas ferramentas e estratégias que promovam a aprendizagem significativa dos alunos com o fim de torná-los competentes e preparados para um mundo em constante transformação.”*

(Matrix) *“Nunca haverá educação de qualidade se não houver investimento na formação docente.”*

(Magalu) *“Não.”*

APÊNDICE C - Plano de Aula – Exemplo de um plano de aula que teve apoio do Website
(<https://helpme.tec.br>)

Disciplina: Inglês Turma: 2º Ano do Ensino Médio Tema: Redes Sociais Duração: 50 min

OBJETO DE CONHECIMENTO	HABILIDADES DA BNCC
Compreender sobre o consumo de notícias;	(EFEM1LI08) Desenvolver estratégias de leitura em língua inglesa, utilizando recursos linguísticos e não linguísticos para facilitar a compreensão de textos de diferentes gêneros e modalidades.
Compreender e falar sobre redes sociais.	(EFEM1LI12) Reconhecer e valorizar a diversidade linguística e cultural presente em textos de diferentes gêneros e modalidades em língua inglesa, identificando semelhanças e diferenças entre as culturas envolvidas.

Fonte: Próprio autor (2023).

Objetivos:

- Reconhecer o papel das redes sociais na sociedade contemporânea.
- Ler e interpretar um texto em inglês sobre redes sociais.
- Responder a perguntas de interpretação de texto em inglês.

Materiais:

- Texto em inglês sobre redes sociais
- Folhas de papel para atividades

Desenvolvimento:

1. Apresentação do tema

Iniciar a aula com uma conversa sobre o papel das redes sociais na sociedade contemporânea. Perguntar aos alunos como as redes sociais influenciam suas vidas, de que forma elas são utilizadas e quais são os seus benefícios e riscos.

2. Leitura do texto

Apresentar o texto em inglês sobre redes sociais. Ler o texto em voz alta para os alunos ou fornecer a eles uma versão do texto com a tradução para o português.

3. Atividades de interpretação de texto

Após a leitura do texto, realizar atividades de interpretação de texto. As atividades podem incluir:

- Perguntas objetivas de múltipla escolha
- Perguntas abertas que requerem a compreensão do texto
- Atividades que pedem aos alunos para identificar informações específicas no texto

4. Discussão

Após a realização das atividades, promover uma discussão sobre o texto. Perguntar aos alunos o que eles aprenderam com o texto e quais são suas opiniões sobre o assunto.

Avaliação:

A avaliação da aula pode ser feita por meio da observação da participação dos alunos nas atividades, da realização das atividades e da discussão final.